




Memórias do **1º Painel de Mulheres Florestais**

Editoras

Cristiane Aparecida Fioravante Reis

Francisca Rasche



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Florestas
Ministério da Agricultura e Pecuária

Memórias do **1º Painel de Mulheres Florestais**

Editoras

Cristiane Aparecida Fioravante Reis

Francisca Rasche

Embrapa
Brasília, DF
2025



Embrapa

Parque Estação Biológica
Av. W3 Norte (final)
70770-901 Brasília, DF
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo e editoração

Embrapa Florestas
Estrada da Ribeira, km 111, Guaraituba,
Caixa Postal 319
83411-000, Colombo, PR
www.embrapa.br/florestas

Comitê Local de Publicações da Embrapa Florestas

Presidente: *Patrícia Póvoa de Mattos*

Vice-presidente: *José Elidney Pinto Júnior*

Secretária-executiva: *Elisabete Marques Oaida*

Membros: *Annete Bonnet, Cristiane Aparecida Fioravante Reis, Elene Yamazaki Lau, Guilherme Schnell e Schühli, Luis Claudio Maranhão Froufe, Marina Moura Morales, Paulo Marcelo Veras de Paiva, Sandra Bos Mikich*

Supervisão editorial e revisão de texto: *José Elidney Pinto Júnior*

Normalização bibliográfica: *Francisca Rasche*

Projeto gráfico e capa: *Luciane Cristine Jaques*

Diagramação: *Elisabete Marques Oaida e Celso Alexandre Oliveira Eduardo*

1ª edição

Publicação digital (2025): PDF

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

Embrapa Florestas

Reis, Cristiane Aparecida Fioravante.

Memórias do 1º Painel de Mulheres Florestais / Cristiane
Aparecida Fioravante Reis, Francisca Rasche. – Brasília, DF :
Embrapa, 2025.

PDF (67 p.) : il. color.

ISBN 978-65-5467-140-8

1. Participação da mulher. 2. Setor florestal. 3. Equidade de
gênero. 4. Embrapa Florestas. 5. Grupo de Mulheres Maria Izabel
Radomski. I. Título. II. Rasche, Francisca. III. Embrapa Florestas.



Autoras

Ana Margarida Castro Euler

Engenheira florestal, doutora em Ciências Ambientais e Florestais, pesquisadora da Embrapa Amapá, Macapá, AP

Cristiane Aparecida Fioravante Reis

Engenheira florestal, doutora em Genética e Melhoramento de Plantas, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR

Edina Regina Moresco

Engenheira-agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR

Francisca Rasche

Biblioteconomista e psicóloga, mestre em Ciência da Informação, analista da Embrapa Florestas, Colombo, PR

Marcia Toffani Simão Soares

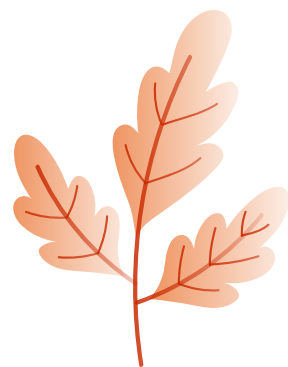
Engenheira-agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR

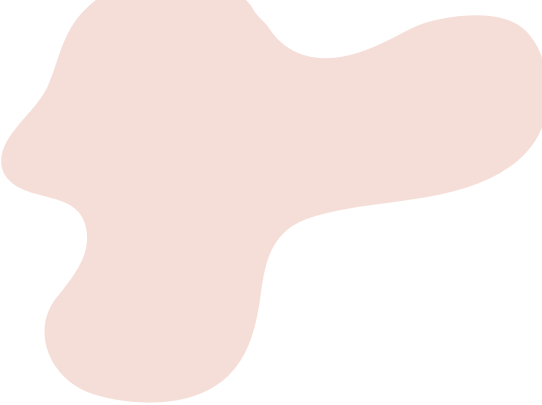
Maria Augusta Doetzer Rosot

Engenheira florestal, doutora em Engenharia Florestal, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR


Yeda Maria Malheiros de Oliveira

Engenheira florestal, doutora em Ciências Florestais, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR





A Comissão Organizadora do 1º Painel de Mulheres Florestais agradece a todas as pessoas que colaboraram para a realização deste importante evento, em especial do Dr. Marcelo, Chefe-Geral Interino da Embrapa Florestas, por oportunizar a criação do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski. Gratidão aos membros dos seguintes comitês: Comitê Local de Pró-Equidade de Gênero, Raça e Diversidade; Grupo de Trabalho Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Embrapa Florestas; Comissão Local de Clima Organizacional e Qualidade de Vida no Trabalho; Comissão Interna de Prevenção de Acidentes; Área de Eventos, Núcleo de Comunicação Organizacional e Comitê de Publicações da Embrapa Florestas. Às panelistas e, ou autoras dos capítulos desta publicação (Francisca, Ana Euler, Cristiane, Márcia, Edina, Yeda e Maria Augusta) pelas importantes informações trazidas para o Evento. Às colegas que nos brindaram com sua voz, violão e composições (Maria Augusta, Manuela e Paula Pucci). A Dra Ana Euler, que oportunizou espaço em sua agenda disputada para estar conosco.

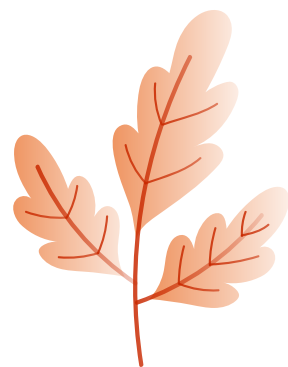


Apresentação

O 1º Painel de Mulheres Florestais da Embrapa Florestas foi um evento de caráter inédito, promovido por meio da parceria estabelecida entre o Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski, o Comitê Local de Pró-Equidade de Gênero, Raça e Diversidade e o Grupo de Trabalho Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (GT ODS): Contribuição da Embrapa Florestas para a Agenda 2030 da ONU e 17 ODS, bem como a Comissão Local de Clima Organizacional e Qualidade de Vida no Trabalho e Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - CIPA Florestas. Foi realizado no dia 11 de novembro de 2024, de forma híbrida, no Auditório da Embrapa Florestas. O objetivo foi promover o compartilhamento de informações relevantes sobre a participação das mulheres no setor florestal, bem como as ações em torno do ODS 5, informações sobre a história das mulheres na Embrapa Florestas e o compartilhamento de percepções sobre essa participação a partir do olhar sensível de mulheres com ampla experiência na área. Essa iniciativa está alinhada ao ODS 5 “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas” da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e dialoga de forma direta com três de suas metas: acabar com todas as formas de discriminação contra as mulheres (5.1), eliminar todas as formas de violência contra as mulheres nas esferas públicas e privadas (5.2) e garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades de liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública (5.5).

Marcelo Francia Arco-Verde

Chefe-Geral Interino da Embrapa Florestas.



Prefácio

O 1º Painel de Mulheres Florestais da Embrapa Florestas foi realizado pelo Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski, a fim de promover o compartilhamento de informações relevantes sobre a participação da mulher no setor florestal, bem como as ações em torno do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) da Agenda 2030 estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU). O Grupo foi criado em abril de 2024, por sugestão do Chefe-Geral da Embrapa Florestas, Marcelo Francia Arco-Verde, cujo nome é uma homenagem póstuma à colega Maria Izabel Radomski, a qual iniciou sua jornada na Embrapa Florestas como estagiária, posteriormente tornando-se uma pesquisadora com espírito de sororidade e com expressivo engajamento pela geração de um ambiente de respeito e colaboração em prol das mulheres. O objetivo do grupo é promover relações construtivas entre as mulheres, envolvendo cordialidade, discussão, troca de experiências, capacitações, articulações internas e externas à Embrapa, visando à valorização feminina e, desta forma, contribuindo para a transformação da realidade no que tange, muitas vezes, às situações adversas enfrentadas pelas mulheres.

Este Grupo, desde sua criação, integra o Comitê Local de Pró-Equidade de Gênero, Raça e Diversidade, atuando em alinhamento ao Grupo de Trabalho ODS: contribuição da Embrapa Florestas para a Agenda 2030 e 17 ODS e, em parceria com a Comissão Local de Clima Organizacional e Qualidade de Vida no Trabalho e demais Comitês e Comissões que atuam em temáticas sensíveis ao Grupo. A partir de 2025, além dos comitês acima mencionados, o Grupo de Mulheres passou a ter suas ações alinhadas, também, a Ação Gerencial Mulheres Rurais da Embrapa. Desde a sua criação, o referido Grupo tem prospectado temas de interesse das mulheres embrapianas, realizado eventos presenciais e virtuais para a troca de informações e experiências, alguns deles com momentos musicais e de coffee-breaks, ações de engajamento em decorrência do mês de sensibilização Outubro Rosa e, em 11 de novembro de 2024, com a realização do 1º Painel de Mulheres Florestais da Embrapa Florestas.

A programação deste painel foi composta pelas seguintes palestras: i) Do germinar ao florescer do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski, ii) O feminino na floresta e na gestão, iii) Participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira, iv) Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas e a igualdade de gênero, v) Mulheres na Embrapa, vi) Percepções sobre a participação das mulheres na área florestal e vii) Apresentação artística em homenagem à pesquisadora falecida Maria Izabel Radomski e a todas as mulheres. Neste contexto, o presente documento tem por objetivo registrar todos os conteúdos do referido evento.

Editoras



Sumário

Capítulo 1

Do germinar ao florescer do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski	09
--	----

Capítulo 2

O feminino na floresta e na gestão.....	20
---	----

Capítulo 3

A participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira.	24
---	----

Capítulo 4

Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 da Agenda 2030 da ONU e a igualdade de gênero	31
--	----

Capítulo 5

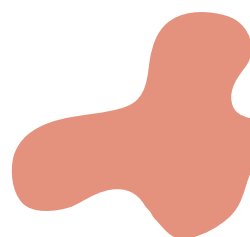
Mulheres na Embrapa Florestas.....	41
------------------------------------	----

Capítulo 6

A mulher na Engenharia Florestal	51
--	----

Capítulo 7

Apresentação artística em homenagem à pesquisadora Maria Izabel Radomski (in memoriam) e a todas as mulheres	61
--	----



Capítulo 1

Do germinar ao florescer do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski

Francisca Rasche



Introdução

A história de criação do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski começou a circular nos corredores da Embrapa Florestas, em meados do mês de março de 2024, quando o então pesquisador Marcelo Francia Arco-Verde se preparava para assumir interinamente a Chefia Geral da Embrapa Florestas. Em reuniões realizadas com as equipes, ele manifestou o desejo de viabilizar o espaço e as condições, na sua gestão, para a criação de um grupo de apoio às mulheres.

Como que pegas de surpresa, as reações das mulheres presentes em tais reuniões, em geral, se fizeram notar por um tímido ou enfático parabéns, mas claramente desejosas do êxito da proposta. Desde então, percebeu-se que tal iniciativa vinha de encontro a um anseio comum, mesmo uma necessidade, certamente não exclusiva da Embrapa Florestas, mas de toda a sociedade; haja visto que as mulheres ainda sofrem com a desigualdade salarial, pouca participação política em espaços decisórios e, em geral, são as maiores vítimas de assédio moral e sexual, bem como de violência doméstica.

Este capítulo ilustra a trajetória de criação e organização do Grupo de Mulheres, desde a sugestão inicial, até a realização do 1º Painel de Mulheres Florestais.

Por que um grupo de apoio para as mulheres em uma empresa?

A proposta por si só abriu um ambiente de reflexão e diálogo em torno da questão da mulher e do seu lugar no mercado de trabalho e nas relações humanas e sociais no ambiente da Embrapa Florestas. Trouxe à tona uma questão: por que um grupo de apoio para as mulheres em uma empresa? Talvez, a melhor resposta seja um porque sim! As lutas e as conquistas das mulheres vêm de longa data. Na história, constam registros de toda ordem. Há muitos casos de mulheres que precisaram se disfarçar de homem para poder estudar, ir para o campo de batalha, lutar e, até mesmo, trabalhar. Há mulheres que assumiram pseudônimo masculino, a fim de poderem trabalhar em jornais e, mesmo, publicar obras literárias. Atualmente, no Brasil, dados mostram que as mulheres estudam mais e ganham menos que os homens, conforme mostra a 3ª edição do estudo “Estatística de gênero – indicadores sociais das mulheres no Brasil”, realizado pelo IBGE com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) e da Pesquisa Nacional da Saúde, entre 2018 e 2022 (Serrano, 2024). Uma das formas de enfrentar esse problema é a sanção da Lei nº 14.611 (Brasil, 2023), que trata justamente da equiparação salarial para mulheres e homens ocupantes de um mesmo cargo e função.

Outro exemplo que demonstra que, ao longo da história, as mulheres estão sempre em movimento por mudanças necessárias, haja visto algum contexto que as coloca em submissão, é o caso da participação política. Para conquistar o direito ao voto foram anos de luta e, para garantir um número razoável de mulheres ocupando cargos políticos, se fez necessária uma cota partidária regada pela Lei nº 9.504 (Brasil, 1997). Indo mais além, no contexto político, a discussão de vereadoras, prefeitas, deputadas e demais mulheres ocupantes de cargos políticos é o enfrentamento à chamada violência de gênero política.

Vale notar que, geralmente, as mulheres assumem distintos papéis, quer seja de mãe, profissional, recaindo-lhes uma dupla jornada. Conforme pesquisa realizada por Bolzani (2024), 83% das mulheres afirmam vivenciar a dupla jornada de trabalho, o que envolve as tarefas domésticas somadas às atividades de cuidado com as crianças e idosos da família. Além disso, na mesma pesquisa, 43% das participantes disseram não contar com rede de apoio ou ajuda do parceiro nas atividades.

Por fim, não se pode deixar de citar as diferentes formas de violência contra a mulher, como latrocínio, violência doméstica, estupros e os casos gravíssimos que chegam ao assassinato de mulheres (Costa, 2024). O cenário é tão grave que, no Brasil, existe a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Maria da Penha (Brasil, 2006), bem como a Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015 (Brasil, 2015) que tipifica o crime de feminicídio como crime hediondo. Logicamente, essas legislações sozinhas não são suficientes para conter a violência, mas são necessárias e revelam o quão grave é a situação.

Do exposto, aparentemente existem razões de sobra para se ter um Grupo de Mulheres e, talvez seja necessário e inovador, também um em cada empresa, igreja, bairro, condomínio residencial. É importante falar, explicitar essas questões no trabalho, na política, no lar e nas escolas, onde meninas e meninos são educados, sobretudo, pelo exemplo do comportamento que assistem nas relações entre os familiares.

O Grupo tomando forma: enquetes, reuniões, música e encontro

Já no primeiro dia de gestão, na primeira reunião com os empregados da Embrapa Florestas, em 1º de abril de 2024, o Chefe-Geral anunciou a criação de um grupo de apoio para as mulheres e comunicou que a empregada Francisca Rasche assumiria a função de facilitadora do Grupo. A partir daí, ações foram realizadas no sentido de dar forma e, de fato, permitir a criação de um grupo de mulheres.

Nas ações para a criação do grupo, foi considerada como premissa a importância da participação de todas as mulheres da Embrapa Florestas, fossem elas: empregadas, colaboradoras, estagiárias, bolsistas e, ou menores-aprendizes. O grupo não foi instituído com

uma pauta com objetivo e plano de ação previamente estabelecidos. A própria designação de uma facilitadora se deu com a tônica de que haveria de se fazer uma construção coletiva. As principais ações realizadas ao longo de 2024 são descritas a seguir.

Reuniões do Grupo

A realização das reuniões teve como perspectiva criar um ambiente acolhedor, trazendo elementos muito próprios do feminino, enquanto essência, buscando assim valorizar o cuidado (Figura 1.1). Nesse sentido, buscou-se abrir espaço para a arte e a confraternização nas reuniões. A animação musical dessas reuniões tem ficado por conta das colegas Paula Pucci e Maria Augusta Doetzer Rosot. Na primeira reunião, a colega Maria Augusta trouxe sua composição autoral intitulada “Samba da esperança”. Todas as confraternizações têm sido realizadas com cafezinho compartilhado, no qual as mulheres sempre trazem algum quitute para adoçar o momento.



Figura 1.1. Convites para as reuniões do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski da Embrapa Florestas.

Ilustrações: Daniele Otto.

Coleta de informações via formulário eletrônico

A proposta de coletar informações por meio de formulário eletrônico teve o intuito de ampliar o espaço de manifestação das colegas, visto que, muitas vezes, não é possível compatibilizar agendas de reuniões. Além disso, é um espaço a mais para manifestação das colegas.

No primeiro formulário, as mulheres foram questionadas sobre suas expectativas em relação ao grupo de apoio às mulheres da Embrapa Florestas e sobre tema ou assunto de interesse a ser abordado no Grupo (Figura 1.2). A segunda coleta de informações foi para priorizar temas de interesse e coleta de sugestões para a escolha do nome do Grupo.

As respostas foram retomadas na reunião do dia 17 de junho e, posteriormente, para delinear os temas de interesse.

MULHERES EMBRAPA FLORESTAS

Grupo de apoio, porque às vezes a paciência é o melhor remédio.

Compartilhando expectativas! Grupo Mulheres da Embrapa Florestas

Prezadas Colegas,

Como é de conhecimento de vocês a Chefia Geral da Embrapa Florestas propôs a criação de um grupo de apoio para as mulheres. Todas as mulheres estão convidadas a participar, independente do seu vínculo com a Embrapa Florestas (empregada, colaboradora, bolsista, estagiária, menor aprendiz).

A primeira reunião do grupo está agendada para o dia 27 de maio, uma segunda-feira, às 15h.

Para facilitar a logística de organização da 1ª reunião do grupo bem como, provocar a reflexão sobre as perspectivas diante da criação do grupo, pedimos que você responda as questões abaixo. O uso das informações fornecidas será para fins exclusivos de organização da primeira reunião.

Agradecemos sua colaboração!

Escolha do nome e priorização de temas! Participe!

Olá Mulher, seja bem vinda!

Que bom que você está aqui disposta a colaborar com a construção do Grupo de apoio - Mulheres da Embrapa Florestas!

Temos duas questões importantes para decidir.

A primeira é escolher um nome para o grupo! Um nome é uma escolha primordial e cheia de significados. Faremos isso coletando sugestões. Como em uma chuva de ideias, deixe sua intuição falar e indique abaixo seu palpite!

A segunda questão diz respeito a priorização de temas para realizarmos ações de capacitação do grupo. seja por meio de palestras, oficinas, cursos ou rodas de conversa. Os temas abaixo relacionados foram levantados na primeira enquête que realizamos "compartilhando expectativas". Como recebemos muitas sugestões, organizamos a priorização em dois blocos.

Obrigada pela sua participação!

Figura 1.2. Formulários para a coleta de informações relacionadas às expectativas, à escolha do nome e à priorização de temas a serem abordados pelo Grupo de Mulheres da Embrapa Florestas.

Temas de interesse do Grupo e articulação com Comitês e Comissões internas

A coleta de temas de interesse das mulheres teve como intuito articular ações pautadas em temáticas de interesse do público-alvo (Tabela 1.1 e Figura 1.3). Esses temas foram usados para discussões em reuniões do Grupo e para direcionar a agenda de eventos internos, por não serem de interesse exclusivo das mulheres, mas sim como letramento de gênero.

A proposta engloba uma agenda de ações de capacitação (rodas de conversa, dinâmicas, cursos e palestras) voltadas para as mulheres, mas igualmente abertas para todos os empregados e colaboradores. Além disso, tem-se primado por atuar em articulação com comitês e comissões internas, especialmente junto da Comissão Local de Clima Organizacional e Qualidade de Vida no Trabalho (QVT), Grupo de Trabalho dos ODS da Embrapa Florestas e Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA Florestas).

Tabela 1.1. Temas obtidos a partir do primeiro formulário elaborado, sendo elencados em dois blocos.

Blocos	Temas
Temático 1	Assédio moral e sexual no ambiente de trabalho.
	Relações interpessoais no ambiente de trabalho.
	Comunicação não violenta.
	Diversidade e inclusão no ambiente de trabalho.
	Etarismo.
	Ferramentas de comunicação interna (espaço de uso e ações em potencial).
	ODS 5 da Agenda 2030 da ONU: igualdade de gênero.
	Questões de gênero (Feminismo, Equidade, <i>Gaslighting</i> ¹ , <i>Mansplaining</i> ² e <i>Maninterrupting</i> ³).
Temático 2	Relações abusivas.
	Escuta e acolhimento.
	Saúde física e mental da mulher.
	Liderança feminina (desafios e oportunidades).
	Empoderamento feminino.
	Maternidade.
	Menopausa.
	Sororidade ⁴ .
	Valorização do trabalho da mulher na empresa e discriminação profissional.
	Compartilhamento de histórias de vida.

Esses temas foram objetos de discussão na reunião do dia 26 de agosto de 2024, quando se buscou justamente a articulação da abordagem desses temas em diferentes espaços, não somente exclusivos do Grupo de Mulheres. Por fim, foi possível desenhar quatro pilares temáticos sobre os quais o Grupo busca de alguma forma atuar:

¹ *Gaslighting* é uma forma de abuso psicológico na qual informações são distorcidas, seletivamente omitidas para favorecer o abusador ou simplesmente inventadas com a intenção de fazer a vítima duvidar de sua própria memória, percepção e sanidade.

² *Mansplaining* é um termo que significa comentar ou explicar algo a uma mulher de uma maneira condescendente, excessivamente confiante e, muitas vezes, imprecisa ou de forma simplista.

³ *Maninterrupting* descreve a prática de um homem interromper constantemente a fala de uma mulher para desvalorizar a sua voz e as suas opiniões, prejudicando a exposição das suas ideias.

⁴ *Sororidade* é a união, afeto e solidariedade entre mulheres, que se apoiam mutuamente para alcançar objetivos em comum, combatendo a rivalidade e a opressão de gênero.



Figura 1.3. Pilares temáticos de atuação do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski da Embrapa Florestas.

Ilustração: Francisca Rasche.

Objetivo do Grupo

O objetivo do grupo é promover relações construtivas entre as mulheres, buscando o acolhimento, discussão, troca de experiências, capacitações, articulação interna e externa. Neste sentido, busca-se o empoderamento feminino e a transformação da realidade no que tange às situações adversas para as mulheres.

É importante notar, que o acolhimento anteriormente mencionado não diz respeito a acatar denúncias e reclamações. O Grupo orienta, se questionado, sobre os canais oficiais da empresa para tal, uma vez que temas sensíveis devem ser abordados em ambientes preparados e com devido encaminhamento da questão, a fim de dirimir o sofrimento e promover tratamento efetivo à questão.

Nome do Grupo

O nome do Grupo foi escolhido a partir da enquete onde foram coletadas 31 sugestões. Dentre essas sugestões surgiu o nome da pesquisadora Maria Izabel Radomski. Ao apresentar a relação de nomes candidatos, na reunião do dia 17 de junho de 2024, foi unânime a escolha do nome da Maria Izabel. O último capítulo desta obra apresenta outras informações interessantes sobre a homenageada.

Identidade visual

A arte visual do Grupo, para uso em apresentações, e-mails, cards e outros materiais de divulgação, foi elaborada pela colega Luciane Cristine Jacques, analista da Embrapa Florestas (Figura 1.4).



Figura 1.4. Arte visual do Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski da Embrapa Florestas.

Ilustração: Luciane Cristine Jaques

Ferramentas de comunicação utilizadas

A fim de tornar a comunicação efetiva, diferentes meios têm sido utilizados, como: reuniões, grupo de conversa no chat (serviço de e-mail da Embrapa), e-mails, formulários eletrônicos, palestras e rodas de conversa sempre com espaços para perguntas.

Apresentação do Grupo

Logo após a segunda reunião do Grupo, em 24 de junho de 2024, a convite da Chefia Geral, foi feita uma breve apresentação do andamento da organização do Grupo, para todos os empregados da Unidade.

Em 6 de setembro de 2024, representantes da Embrapa Florestas se reuniram com a ouvidora da Embrapa, Patrícia Bertin, a fim de apresentar a proposta do Grupo. Foi uma conversa muito positiva, no sentido de que falar sobre o Grupo permite lapidá-lo!

A organização do 1º Painel de Mulheres Florestais veio como um espaço para apresentar o Grupo para além das fronteiras da Embrapa. Embora a proposta do Painel tenha sido trazer para discussão e nivelar as informações de empregadas da Embrapa Florestas em relação às questões relacionadas às mulheres, optou-se por abrir a participação para o público em geral, realizando um evento híbrido, presencial e online.

Como o Grupo se situa atualmente

O Grupo atua como integrante do Comitê Local de Pró-Equidade de Gênero, Raça e Diversidade da Embrapa Florestas. O Comitê é formado pelos seguintes empregados: Francisca Rasche, Alisson Moura Santos, Joana Ribeiro de Souza, Marilice Cordeiro Garrastazu, Marina Moura Morales, Paula Schultz Bittencourt Pucci e Paulo Cesar Botosso. Este Grupo atua alinhado ao Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) – Igualdade de gênero.

Por ocasião do 1º Painel de Mulheres Florestais foi informada a ampliação no número de facilitadoras do Grupo de Mulheres. Além da facilitadora, Francisca Rasche, outras colegas

também assumiram tal função: Cristiane Aparecida Fioravante Reis, Marcia Toffani Simão Soares, Marilice Cordeiro Garrastazu e Paula Schultz Bittencourt Pucci.

Considerações finais

Logicamente, com o passar dos anos, muitas foram as conquistas das mulheres. Se cada pessoa parar para pensar e resgatar em sua imaginação as condições de vida que a mãe dispunha enquanto mulher, ou as avós, certamente notará muitas diferenças para os dias de hoje. Mas, ao refletir sobre o passado e as transformações vividas, é pertinente provocar a reflexão sobre projeções de um mundo futuro para as meninas de hoje, justamente essas que têm menos de dez anos de idade e que, ainda, são crianças. Esse tipo de reflexão, sem dúvida, alimenta o coletivo e gera energia para ações que possam promover mudanças estruturais e de entendimento sobre a questão da mulher e seu lugar na sociedade, pois, não há de faltar esperança e fé na vida, como propõe o poema a seguir.

Gotas de esperança

Lá do lado de fora,
ouvi dizer que é um lugar perigoso,
em sua própria casa ou perto de casa,
a cada 15 horas, no Brasil, uma mulher é assassinada pelas mãos, majoritariamente,
do seu parceiro ou ex-parceiro, pelo simples fato de ser mulher,
se chama feminicídio.

Lá do lado de fora,
neste lugar nebuloso,
a cada oito minutos uma mulher é estuprada,
destas, 60% são crianças e adolescentes menores de 13 anos,
muitas delas, abusadas, se tornaram mães antes de se tornarem mulheres,
violentadas por um homem conhecido, na maioria dos casos, pelo pai ou padrasto,
lá do lado de fora, em lugar chamado casa de família.

Lá do lado de fora,
me parece arenoso,
as mulheres já podem votar, estudar e elas estudam mais que os homens,
mas elas ganham menos que os homens,
lá do lado de fora, essas mulheres que podem votar, estudar, trabalhar fora, publicar
resultados de pesquisa, 83% delas fazem jornada dupla, conciliam trabalho remunerado
com o não remunerado, fazendo tarefas domésticas, assumindo os cuidados com
crianças e idosos da família.
Tudo isso, lá do lado de fora, em um lugar chamado país democrático de direitos.

Lá do lado de fora,
parece que tudo segue normal,
Ouvi sobre uma mulher que não conseguia falar nas reuniões, ela precisava aumentar o tom de voz e até se levantava de pé para ser ouvida.
Já se acostumou com isso, então está sempre falando alto demais.
Outra confidenciou que já não sabe bem como se vestir, afinal, roupas finas despertavam comentários suspeitos, roupas simples são desleixo.
Se emagreceu, talvez esteja magra demais, vive de dieta. Se ganhou peso é porque engordou, por que não se cuida? É uma régua rigorosa que se aplica. Parece até que o corpo já não é dela, deve ser manipulado e ornado para agradar a outros.
Tudo isso, lá do lado de fora, em um lugar chamado mundo do trabalho.

No silêncio, no grito, na fala mansa ou ansiosa de muitas mulheres pode-se ouvir muita coisa.

Nos chamam de meninas, mas somos mulheres, mães, colegas de trabalho!
Nos chamam de fracas, mas só nós sabemos o que é trabalhar com cólica ou enxaqueca, encarar a jornada dupla e sentir-se forte, porque sim, somos fortes, mas ser forte o tempo todo cansa demais, adoce o corpo e alma.

Todos os dias ao amanhecer,
lá do lado de fora vejo muita coisa,
por sorte, aqui do lado de dentro, nem tudo passa pela porta,
tem sim uma poeira que teima em entrar e, de um jeito ou de outro, não há como ficar imune, até porque tem horas que preciso sair para fora...
Mas todos os dias, bem cedinho, vejo gotas de orvalho brilhantes,
límpidas como a água que jogo em meu rosto para despertar,
essas gotas tenho chamado de gotas de esperança.

Referências

BOLZANI, I. Oito em cada 10 mulheres vivem dupla jornada de trabalho com afazeres domésticos e cuidados, diz pesquisa. **G1**: Economia. 9 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2024/03/09/oito-em-cada-10-mulheres-vivem-dupla-jornada-de-trabalho-com-afazeres-domesticos-e-cuidados-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Estabelece normas para as eleições. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9504.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 14.611, de 3 de julho de 2023**. Dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios entre mulheres e homens; e altera a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

COSTA, G. A cada 8 minutos, uma mulher é vítima de estupro no país. **Agência Brasil**, 24 abr. 2024. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

SERRANO, L. Mulheres estudam mais e ganham menos que os homens no Brasil, segundo estudo do IBGE. **Exame**, 8 mar. 2024. Disponível em: https://exame.com/carreira/mulheres-estudam-mais-e-ganham-menos-que-os-homens-no-brasil-segundo-estudo-do-ibge/?utm_source=copiaecola&utm_medium=compartilhamento. Acesso em: 30 out. 2024.

Capítulo 2

O feminino na floresta e na gestão

Ana Margarida Castro Euler



Introdução

As mulheres estão dispostas a esperar 300 anos para que mulheres e homens tenham os mesmos direitos e oportunidades? Esse cenário apontado pela ONU Mulheres gera reflexão e compromisso ético para com as novas e futuras gerações.

Aos cinquenta anos, a engenheira florestal, pesquisadora e gestora pública, Ana Euler afirma com convicção: as oportunidades e dificuldades não são iguais para todas as mulheres. A desigualdade de gênero ainda atravessa carreiras, territórios e classes sociais, afetando principalmente àquelas em situações de maior vulnerabilidade. Por isso, quando uma mulher consegue chegar ao topo, ela não deve estar sozinha - é seu dever ético e social compartilhar sua experiência, abrir caminhos, apoiar e gerar novas oportunidades para outras mulheres. Avançar individualmente é importante, mas promover o avanço coletivo é essencial para transformar realidades e construir um futuro mais justo e igualitário.

Desafios e oportunidades

Na cidade ou na floresta, uma atuação firme pela redução das desigualdades é premissa para o alcance do desenvolvimento sustentável. Igualdade de acesso à qualificação profissional, relação justa da atividade doméstica, acesso aos meios de produção e autonomia para escolha no desenvolvimento das atividades produtivas. Se as mulheres tivessem o mesmo acesso aos recursos que os homens, a produção de alimentos poderia aumentar de 20% a 30%, reduzindo a fome no mundo em até 17% (FAO, 2011).

Um estudo do Projeto Amazônia 2030 revela que as mulheres da Amazônia Legal enfrentam desafios ainda mais profundos no mercado de trabalho em comparação com outras regiões do País (Gonzaga; Cavalcanti, 2022). Apesar de apresentarem níveis de escolaridade mais elevados, elas têm menor participação no mercado, enfrentam taxas mais altas de desemprego e estão mais frequentemente em ocupações informais, sem carteira assinada.

Diante desse cenário, a educação desponta como uma importante ferramenta de transformação social. De acordo com Katiane Lopes, uma liderança feminina parceira da Embrapa na comunidade do Livramento, situada em uma ilha na foz do Rio Amazonas: “A educação é fundamental, torna a pessoa mais ativa, questionadora. Com a internet, é possível estudar à distância; com a energia, pode-se estudar de madrugada. Só a educação pode mudar ou transformar um lugar ou uma sociedade.”

Quando Ana Euler assumiu a Diretoria-Executiva de Inovação, Negócios e Transferência de Tecnologia (DINT) da Embrapa, trouxe consigo essa convicção e a certeza de que o papel de uma instituição pública de pesquisa vai além da inovação tecnológica. É, também,

promover a inclusão socioproductiva e digital daqueles que produzem alimento e modos de vida singulares no campo, nas florestas e nas águas.

Nos últimos anos, a Embrapa avançou de forma concreta na construção, na articulação e na institucionalização de uma agenda em prol das Mulheres Rurais. O Observatório de Mulheres Rurais da Embrapa é um exemplo. É uma ferramenta estratégica que agrupa em um espaço virtual, mapas de realidades e dados no intuito de possibilitar o acesso às informações de relevantes ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação social que contam com participação de mulheres. Destaque para a Coleção Mulheres Rurais, um conjunto de publicações que descrevem experiências de mulheres rurais com culturas como pracaxi, macaúba, algodão orgânico, entre outras. Esse Observatório foi criado com o objetivo principal de preencher a lacuna, existente no País, sobre informações relacionadas às atividades produtivas das mulheres rurais e que possam subsidiar políticas públicas com base em evidências. Ele rompe com uma lógica histórica de apagamento e mostra, com destaque, o que muitas já sabiam: que as mulheres rurais sustentam a agricultura familiar, conservam a agrobiodiversidade brasileira e os modos de vida tradicionais, lideram experiências agroecológicas e são protagonistas na produção de alimentos saudáveis.

Mais do que observar, também é preciso agir. Por isso, foi lançado o programa de pesquisa, desenvolvimento e inovação intitulado Mulheres Rurais Produtoras do Bem Viver. Seu propósito é ampliar a geração e a oferta de informações, experiências, conhecimentos e tecnologias, construindo, em conjunto com as mulheres rurais, capacitações, intercâmbios, acesso à informação e à inovação, respeitando os saberes tradicionais e fortalecendo a autonomia econômica e social das participantes. Em comunidades do Semiárido, do Cerrado, da Amazônia e do Sul do País, já são observados os frutos desse trabalho em forma de cooperativas, produtos certificados, feiras agroecológicas e redes de apoio entre mulheres. Porém, há muito para ser feito ainda. O Programa Mulheres Rurais Produtoras do Bem Viver é parte de uma estratégia mais ampla, construída com a escuta ativa de pesquisadoras, analistas, técnicas, gestoras, representantes dos movimentos sociais e efetivamente com as mulheres rurais nos territórios. Uma Embrapa que quer permanecer relevante para o Brasil precisa refletir a pluralidade do País a que serve. E isso passa, necessariamente, pela equidade de gênero dentro e fora da instituição.

Considerações finais

A pesquisadora Ana Euler tem o privilégio e a honra de compor a primeira diretoria majoritariamente feminina da Embrapa. E, ao lado de outras mulheres inspiradoras, seguem trabalhando para que cada agricultora, extrativista, indígena, quilombola, pesquisadora, analista, técnica, assistente, gestora e liderança dos movimentos sociais sintam que sua trajetória é digna de reconhecimento e investimento. Para que as meninas que hoje crescem no campo possam sonhar alto, sabendo que têm aliadas dentro da ciência.

Referências

GONZAGA, G.; CAVALCANTI, F. **Desigualdades no mercado de trabalho por gênero**: evidências para a Amazônia Legal. Belém, PA: Amazônia 2030, 2022. 35 p.

FAO. **The role of women in agriculture**: closing the gender gap for development. Rome, 2011. 49 p. (FAO. ESA Working Paper, 11-02).

Capítulo 3

A participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira

Cristiane Aparecida Fioravante Reis



Introdução

No ano de 2022, foi instituído o Observatório das Mulheres Rurais do Brasil (<https://www.embrapa.br/observatorio-das-mulheres-rurais-do-brasil>) como parte do Sistema de Inteligência Estratégica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa - Agropensa). No intuito de gerar informações para abastecer este Observatório, foi estabelecida a Rede Embrapa Mulheres Rurais do Brasil, composta por representantes das Unidades Descentralizadas da Empresa, localizadas nas diferentes regiões do Brasil. Adicionalmente, essa iniciativa também contou com apoio da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e com o financiamento do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa).

O Observatório das Mulheres Rurais do Brasil tem como função gerar subsídios para o desenvolvimento de estratégias, projetos e programas, e para a criação ou aprimoramento de políticas públicas em benefício das mulheres que atuam em atividades agrícolas, pecuárias, florestais e aquícolas. Assim, essa iniciativa está diretamente relacionada ao cumprimento do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU): Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Portanto, consiste em uma ferramenta de inteligência para o acompanhamento e antecipação de questões relevantes do campo, considerando recortes regionais e, ou temáticos.

Neste cenário, durante o 1º Painel de Mulheres Florestais, foi lançada oficialmente pela Embrapa Florestas a publicação “A Participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira” (Reis, 2024). Do exposto, a seguir é apresentado um resumo do conteúdo apresentado na referida publicação e evento. Essas informações são essenciais para melhor compreensão da realidade da cadeia produtiva florestal e embasar estratégias visando à equidade de oportunidades entre mulheres e homens.

Acervos de dados consultados

Para compor este estudo, foram obtidas as séries históricas de 2010-2021 dos vínculos formais ativos de empregos ocupados por mulheres e homens em diferentes segmentos da cadeia produtiva florestal brasileira, por via do Sistema Nacional de Informações Florestais (SNIF) do Serviço Florestal Brasileiro. Esses dados fazem parte da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério da Economia, que contém informações sobre a atividade trabalhista no País.

Esse acervo é baseado em atividades elencadas segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAEs), sendo algumas reagrupadas pelo SNIF. As atividades contempladas estão ligadas a 13 segmentos específicos: apoio à produção florestal, impressão, desdobramento de madeira, fabricação de celulose, fabricação de móveis, fabricação de

papel, fabricação de produtos de madeira, fabricação de produtos de papel, produção florestal - floresta plantada ou cultivo em floresta, produção florestal - florestas nativas, produção florestal não madeireira - florestas nativas, produção florestal - florestas plantadas e produção florestal não madeireira - florestas plantadas.

Dados sobre a participação de mulheres e homens, no ano de 2023, nos registros de Engenheiros Florestais foram obtidos junto ao Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, 2023).

Panorama das mulheres no setor florestal brasileiro

Em 2021, foram contabilizados 738.522 vínculos na cadeia produtiva florestal, isto é, 1,5% da totalidade empregos formais ativos gerados no Brasil. O percentual de participação das mulheres nesta cadeia produtiva foi igual a 22,2% (Tabela 3.1). No âmbito de toda a série histórica, a menor proporção das mulheres foi registrada em 2010 e a maior proporção ocorreu em 2014. No decorrer de 12 anos, o percentual médio anual de empregos ocupados pelas mulheres foi 21,4%. Essas informações corroboram que essa cadeia produtiva, historicamente, emprega mais homens que mulheres.

No que se refere à remuneração mensal, 73,1% dos empregos ativos (mulheres e homens) receberam de um a três salários-mínimos no ano de 2021. Os maiores percentuais de mulheres se concentraram nas faixas salariais mais baixas (até 0,50 salário-mínimo: 39,7%; 0,51 a 1 salário-mínimo: 27,5%; 1,01 a 1,5 salários-mínimos: 27,4% e 1,51 a 2 salários-mínimos: 23,7%), ao passo que os maiores percentuais de homens se concentram nas faixas salariais que receberam acima de três salários-mínimos (superiores a 81%).

No âmbito da escolaridade, 92,2% dos empregados (mulheres e homens) tinham formação igual ou inferior ao superior incompleto no ano de 2021. Aproximadamente metade destes vínculos formais estavam relacionados a empregados com ensino médio completo. Esses resultados ajudam a explicar o fato de que 73,1% dos empregados ativos receberam remuneração abaixo de três salários-mínimos, já que os maiores salários estão normalmente associados a um maior nível de escolaridade. O percentual de funcionários com ensino superior completo e com formação complementar de mestrado e doutorado não alcançou 8%. A média de vínculos ocupados por mulheres no decorrer das diferentes faixas de escolaridade foi 24,7%. Essa média foi superada pelos seguintes níveis de escolaridade: superior incompleto (36,9%), superior completo (40,3%), mestrado (34%) e doutorado (40,9%).

O percentual médio de mulheres ocupadas nas diferentes faixas etárias foi 20,5% em 2021. Os percentuais de vínculos ativos formais de empregos foram relativamente semelhantes entre as faixas etárias de: 24 anos ou menos (22,9%), 25 a 29 anos (23,4%), 30 a 39 anos (24,4%) e 40 a 49 anos (21,8%). As faixas etárias mais elevadas, 50 a 64 anos e acima de 65 anos, tiveram 17,4% e 13% de mulheres empregadas.

Tabela 3.1. Série histórica de vínculos formais ativos de empregos ocupados por mulheres e homens, na cadeia produtiva florestal brasileira, 2010 - 2021.

Ano	Número total de vínculos formais ativos de empregos	Número de vínculos ocupados por mulheres	Percentagem de vínculos ocupados por mulheres	Número de vínculos ocupados por homens	Percentagem de vínculos ocupados por homens
2010	782.645	157.208	20,1	625.437	79,9
2011	798.092	165.615	20,8	632.477	79,2
2012	794.770	170.319	21,4	624.451	78,6
2013	788.188	175.509	22,3	612.679	77,7
2014	785.555	176.090	22,4	609.465	77,6
2015	736.768	160.829	21,8	575.939	78,2
2016	697.883	149.189	21,4	548.694	78,6
2017	683.634	143.086	20,9	540.548	79,1
2018	688.498	143.391	20,8	545.107	79,2
2019	674.935	141.622	21,0	533.313	79,0
2020	686.209	146.606	21,4	539.603	78,6
2021	738.522	163.918	22,2	574.604	77,8

Fontes: Brasil (2022) e Serviço Florestal Brasileiro (2023).

Os percentuais de mulheres e homens ocupados em 13 segmentos da cadeia produtiva florestal brasileira são apresentados na Tabela 3.2. Em 2021, os quatro segmentos com maiores números de empregos, em ordem decrescente, foram: fabricação de móveis, fabricação de produtos de papel, fabricação de produtos de madeira e atividade de impressão, totalizando 66,1% dos empregos formais da cadeia produtiva florestal brasileira. No que tange à percentagem de mulheres com vínculos formais empregatícios por segmento, os maiores destaques foram: atividade de impressão, fabricação de produtos de papel, fabricação de móveis e fabricação de produtos de madeira. Entretanto, as percentagens ainda estão abaixo da almejada equidade de gênero.

Tabela 3.2. Percentuais de mulheres e homens ocupados em 13 segmentos da cadeia produtiva florestal brasileira.

Segmentos	Número de empreendimentos	Número total de vínculos formais ativos de empregos	Percentagem de vínculos ocupados por mulheres	Percentagem de vínculos ocupados por homens
Produção florestal madeireira - florestas nativas	557	4.400	8,9	91,1
Produção florestal não madeireira - florestas nativas	305	1.714	16,2	83,8
Produção florestal - floresta plantada ou cultivo em floresta	937	4.784	16,2	83,8
Produção florestal madeireira - florestas plantadas	6.068	67.169	14,3	85,7
Produção florestal não madeireira - florestas plantadas	231	5.689	21,0	79,0
Atividades de apoio à produção florestal	1.716	34.355	10,5	89,5
Fabricação de celulose	50	21.930	17,8	82,2
Fabricação de papel	268	41.201	14,0	86,0
Fabricação de produtos de papel	4.036	120.925	26,6	73,4
Atividade de impressão	8.953	70.870	33,9	66,1
Desdobramento de madeira	5.130	69.017	19,5	80,5
Fabricação de móveis	18.098	190.646	24,9	75,1
Fabricação de produtos de madeira	7.138	105.822	22,2	77,8

Fonte: Brasil (2022) e Serviço Florestal Brasileiro (2023).

No ano de 2023, o número total de engenheiros florestais registrados no Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) foi 15.654, onde 34,4% foram mulheres e 65,6% homens (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, 2023). Nota-se que o percentual médio de engenheiras florestais cadastradas é bastante superior ao percentual de engenheiras do Confea, a qual foi igual a 19,4% no ano de 2023.

Em 2023, havia 3.736 profissionais na região Norte cadastrados no Confea, sendo 43,6% mulheres, 1.272 na região Nordeste (35,2% mulheres), 2.886 no Centro-Oeste (37,2% mulheres), 4.448 no Sudeste (29,1% mulheres) e 3.312 no Sul (28,2% mulheres) (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, 2023).

Com base nos registros das 27 unidades Federativas do ano de 2023, a média de engenheiras florestais foi igual a 37,5%. A menor percentagem de engenheiras florestais foi detectada no Paraná (23,4%) e a maior em Roraima (100%), onde só foram contabilizados registros de engenheiras florestais em 2023. Além de Roraima, as seguintes unidades Federativas superaram a média: Acre (40,8%), Alagoas (42,9%), Amazonas (46,1%), Ceará (38,2%), Distrito Federal (38,2%), Goiás (40,1%), Mato Grosso do Sul (38,1%), Pará (47,2%), Pernambuco (39,4%), Rio Grande do Norte (42,1%), Rio Grande do Sul (37,6%) e Sergipe (44,8%).

Considerações finais

Os dados apresentados evidenciam importantes avanços na construção de diagnósticos sobre a participação feminina na cadeia produtiva florestal brasileira. Embora haja aumento gradual na presença de mulheres, ainda se observa desigualdade nas oportunidades, remuneração e ocupação de cargos com maior qualificação.

A estruturação do Observatório das Mulheres Rurais do Brasil, aliada à presente publicação da Embrapa Florestas, demonstra o compromisso institucional com a valorização das mulheres e a equidade de gênero. O panorama traçado serve como referência estratégica para a formulação de políticas públicas mais justas, inclusivas e eficazes, contribuindo para o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especialmente o ODS 5.

Referências

BRASIL. Casa Civil. **RAIS 2021**: estoque de empregos formais no Brasil foi de 48,7 milhões. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/novembro/rais-2021-estoque-de-empregos-formaisno-brasil-foi-de-48-7-milhoes>. Acesso em: 24 jun. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA (Brasil). **Profissionais por título e gênero:** registros por título e gênero. 2023. Disponível em: <https://relatorio.confex.org.br/Profissional/RegistrosPorGrupo>. Acesso em: 24 jun. 2025.

REIS, C. A. F. **A participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira**. Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2024. (Embrapa Florestas. Série Documentos 395).

Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1168071/1/EmbrapaFlorestas-2024-Documentos395.pdf>

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. Sistema Nacional de Informações Florestais. **Emprego, 2023**.

Disponível em: <https://snif.florestal.gov.br/pt-br/emprego>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Capítulo 4

Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 da Agenda 2030 da ONU e a igualdade de gênero

Marcia Toffani Simão Soares



Introdução

“Pela maior parte da História, ‘anônimo’ foi uma mulher”.

Virginia Woolf (1929).

“Talvez ainda sejamos invisíveis, assim como a mulher daquela conferência. Superar essa invisibilidade exige o comprometimento de toda a sociedade”.

Fernanda De Negri (2021).

Movimentos feministas dos séculos XIX e XX e suas contribuições para a Agenda Global de gênero

Dentre os vários aspectos que imprimem importância à historiografia sobre mulheres e gênero, pode-se salientar a identificação de suas diferentes abordagens no tempo, bem como a busca da ampliação de perspectiva, ou muitas vezes a desconstrução da história e do modo de fazê-la, em um esforço de reparação de memórias ainda apagadas de seus registros.

Ainda, antes do emprego de perspectivas de gênero, a historiografia ocidental moderna traz indicações da possível origem do termo “feminismo”, possivelmente na França, no final do século XIX, conforme descrito pela historiadora britânica Karen Offen (Offen, 1988). O termo foi apropriado por um conjunto de movimentos voltados à luta por emancipação das mulheres dentro de um fenômeno social, em um período em que essas eram excluídas de direitos civis, políticos e econômicos por seu sexo biológico.

Algumas análises historiográficas utilizam a metáfora “ondas do feminismo” ou, mais recentemente, “rizomas”, como instrumentos didáticos distintos que remetem a movimento, temporalidade e cronologia (Rosalen; Maria Pedro, 2023). No blog (conteúdo digital) elaborado pela pesquisadora sul-brasileira Ilze Zirbel (Zirbel, 2021), é encontrada a sinalização de, ao menos, três momentos (ondas) de grande movimentação e articulação feminista no Ocidente, não restritos a um único espaço geográfico ou uma única perspectiva.

Essa visão identifica uma primeira grande onda feminista caracterizada por movimentos em massa de mulheres, em diferentes países, no final do século XIX e início do século XX, especialmente em torno da luta pela participação feminina cidadã e socialmente representativa, denominado sufrágio feminino, buscando-se o direito ao voto para o alcance de outros direitos básicos (Zirbel, 2021). A história brasileira também registra movimentos em defesa das mulheres pelo sufrágio, como o da pesquisadora em herpetologia do Museu Nacional do Rio de Janeiro e ativista Bherta Lutz (Figura 4.1) (Lara; Copozzi, 2024), e em outras diferentes pautas, com nomes ainda pouco conhecidos, mas dignos de maior entendimento

de sua contribuição à sociedade, como as educadoras e escritoras, Nísia Floresta (século XIX) (Rosa, 2013) e Maria Lacerda de Moura (início do século XX, Figura 4.2) (Macedo, 2003).



Figura 4.1. Membros da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – FBPF em 1930 no Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro.

Na fileira superior (terceira à direita), a bióloga especialista em herpetologia, cientista, educadora, diplomata e ativista Bherta Maria Júlia Lutz. Na primeira fileira, a engenheira, urbanista e feminista Carmen Velasco Portinho (terceira à direita) e a advogada, jornalista, pianista, poetisa, sindicalista, compositora e política brasileira Almerinda Farias Gama (primeira à esquerda).

Fonte: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional (Arquivo Nacional, 1930).



Figura 4.2. Imagem da educadora, escritora, pacifista, anarquista e feminista brasileira Maria Lacerda de Moura, considerada uma das pioneiras do feminismo no Brasil.

Fonte: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional (Arquivo Nacional, [s.d.]).

No contexto mundial, observa-se certo enfraquecimento às mobilizações feministas com as duas grandes guerras desencadeadas entre 1914 e 1945 (Figura 4.2.). Não obstante, o período pós-guerra foi também marcado por importantes avanços diplomáticos e jurídicos, como a inserção do reconhecimento da igualdade entre sexos e igualdade entre os cônjuges na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), estabelecida pela então recém-criada Organização das Nações Unidas (1945) e, posteriormente, a aprovação da igualdade salarial entre homens e mulheres pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), vinculada à mesma instituição, em 1951.

A partir das décadas de 1960 e 1970, em diferentes países, uma nova fase de movimentos de mulheres ou feministas emergiram (Segunda Onda Feminista) (Zirbel 2021), marcado por uma significativa expansão do escopo da luta para além das garantias legais formais, focando também em aspectos voltados às desigualdades sociais, culturais e, mesmo, no âmbito doméstico e familiar. No contexto mundial, verifica-se, nesse período, a elaboração de um dos mais importantes e abrangentes tratados internacionais de direitos humanos focado nos direitos das mulheres, a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres (CEDAW), adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1979 e ratificada pelo Brasil em 1984. Esse e outros tratados internacionais foram de extrema relevância para subsidiar, por exemplo, a elaboração da Constituição Federal Brasileira de 1988, considerada um marco para a consolidação dos direitos humanos no País (Tokarski et al., 2022). Ainda na cronologia dos movimentos sociais, o início dos anos 1990 é considerado por muitas autoras como o início de uma Terceira Onda do Feminismo, representada pelo fortalecimento de pautas como o questionamento de normas heteronormativas e a valorização do feminino, em suas múltiplas identidades e experiências, sob o prisma da interseccionalidade. Essa expressão foi definida no final da década de 1980 pela ativista Kimberlé Williams Crenshaw (Crenshaw, 1989), e vem sendo utilizada como motriz para a percepção das sobreposições de situações diversificadas e únicas, que não podem ser compreendidas se analisadas separadamente, buscando lançar luz “à forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas interligados de opressão criam diferentes níveis de desigualdades” que atingem “mulheres, grupos raciais, etnias, classes, status migratório” etc. (Brasil, 2021).

A aproximação da virada entre séculos registrou uma nova série de movimentos que favoreceu a organização conceitual das demandas do universo feminino, como os eventos preparatórios ou simultâneos, protagonizado por mulheres, à Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNCED, Rio-92 ou ECO-92). Essa Conferência também contou com a elaboração da Agenda 21, constituída por um plano de ação voltado a orientar, de modo abrangente, ações referentes ao meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Quanto às questões de gênero, destaca-se no documento o Capítulo 24 intitulado “*Ação Global para a Mulher Rumo a um Desenvolvimento Sustentável e Equitativo*”, que lançou luz à importância da participação feminina em processos decisórios. O documento é

considerado um alicerce valioso para a pavimentação das etapas seguintes de atuação da ONU nas questões de gênero, como detalhado no item a seguir.

Início do século XXI: novas estratégias e demandas

O entendimento e a discussão da Agenda 21 (1992) apontaram para a necessidade de estratégias que também contemplassem mensuração de indicadores para o acompanhamento do alcance de metas. Novos compromissos foram elaborados e reunidos nos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio (ODMs), assinado pelos países-membros da ONU na virada do século (em setembro de 2000), durante a 55ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (Tokarski et al., 2022). Os ODMs foram constituídos por oito grandes objetivos globais: acabar com a fome e a miséria (1), educação básica de qualidade (2), igualdade entre sexos e valorização da mulher (3), reduzir a mortalidade infantil (4), melhorar a saúde das gestantes (5), combater a AIDS, a malária e outras doenças (6), qualidade de vida e respeito ao meio ambiente (7) e todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento (8). A partir da experiência acumulada com a implementação dos ODMs, em 2015 a ONU propôs a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, assinada por 193 Estados-membros que a compõem. Seu cerne está centrado em 169 metas globais distribuídas em 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), discriminados na Figura 4.3 e que tratam de cinco dimensões de desenvolvimento: Planeta, Pessoas, Prosperidade, Paz e Parcerias (Wollaert, 2016).

Na Agenda 2030, questões relativas ao feminino e à desigualdade de gênero foram agrupadas no ODS 5 - Igualdade de Gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, com nove metas que tratam de assuntos contemporâneos ainda sensíveis (Tabela 4.1). Verifica-se, na sua redação, ênfase na irredutibilidade de fenômenos como violência, discriminação e práticas nocivas, utilizando-se termos como “acabar” e “eliminar”, alinhados à abordagem internacional dos direitos humanos (Mostafa et al., 2019). Observa-se que sua implementação está confluindo com o que a literatura indica com uma Quarta Onda de Feminismo, em processo de formação, o qual a interseccionalidade constitui um tema estruturante (Tabela 4.2) (Barufaldi et al., 2017; Soares; Mazzarino, 2022; Perez; Ricoldi, 2023). Quanto à mensuração do alcance das metas da ODS 5, diferentes indicadores vêm sendo adaptados a escalas e contextos distintos. Nacionalmente, cita-se o uso de dados socioeconômicos oficiais para a análise de desigualdades, conforme apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2024), ainda que se tenha ciência das lacunas formadas por dados subnotificados. Quase toda a literatura citada no presente documento sobre esse período (Item 4) indica que, infelizmente, as situações de violência são ainda propulsoras de diversos movimentos de gênero (Tabela 4.1), com a adição de novas nuances, como violação aos direitos da personalidade da mulher e de outros recortes da sociedade mais vulneráveis

pelos meios digitais (Alves; Gomes, 2022). A tecnologia da informação e comunicação digital (meta 5.b) (Tabela 4.1) surgem também, por outro lado, como facilitadoras ao acesso de informações qualificadas e canais de denúncia, dentre outras funções, ampliando as condições de conscientização e organização social voltadas às novas conquistas.



Figura 4.3. Logomarcas da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Fonte: Nações Unidas no Brasil (2025).

Tabela 4.1. Metas, objetivos e adequações do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 ao contexto brasileiro.

Meta	Redação ONU	Proposição de adequação: Brasil
5.1	Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte.	Eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.
5.2	Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos.	Eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, o tráfico de pessoas e os homicídios, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.
5.3	Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas.	Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, forçados e de crianças e jovens, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.
5.4	Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais.	Eliminar a desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado e não remunerado, inclusive no trabalho doméstico e de cuidados, promovendo maior autonomia de todas as mulheres, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas, por meio de políticas públicas e da promoção da responsabilidade compartilhada dentro das famílias.

Continua...

Continuação...

Meta	Redação ONU	Proposição de adequação: Brasil
5.5	Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública.	Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na esfera pública, em suas dimensões política e econômica, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.
5.6	Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão.	Promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, em consonância com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão, considerando as intersecções de gênero com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade; em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas.

Fonte: Mostafa et al. (2019).

Tabela 4.2. Conexões possíveis entre Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) e demais ODS em agendas progressistas contemporâneas, conforme categorização de alguns movimentos sociais.

Movimentos Sociais	Objetivos sinérgicos ao ODS 5
Trabalhistas (t)	1, 2, 8, 9, 10
Feministas (f)	1, 3, 4, 8, 10
Identitários (i)	1, 3, 4, 6, 10
Ambientais (a)	2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15
Raciais (r)	1, 2, 3, 4, 5, 8, 10
Pelos direitos civis (dc)	1, 2, 3, 4, 8, 10, 11
t, f, i, a, r, dc	16 e 17

Fonte: Salles et al. (2024).

Considerações finais

O uso da mobilização coletiva voltada ao amadurecimento de conceitos e luta por direitos perpassou a história do combate às desigualdades de gênero e trouxe transformações profundas na civilização ocidental contemporânea. A persistência no fortalecimento de ações voltadas a uma maior compreensão de temas interseccionados como, por exemplo, a interface entre gênero e justiça climática, de alcance multidisciplinar e transdisciplinar, lança luz ao enorme espaço para avanços na ampliação do diálogo intersetorial, no contexto da quarta onda, para amadurecimento social, jurídico, educacional, científico, dentre outras áreas sinérgicas e complementares. O dinamismo das transformações do século XXI demanda, com isso, capacitação permanente nas questões relativas ao gênero, em uma perspectiva interseccional, em diferentes contextos sociais.

Referências

- ALVES, M. A. S.; GOMES, D. Q. A mulher no ambiente digital: repensar as tecnologias da informação e da comunicação à luz do feminismo interseccional. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 18, n. 54, p. 166-186, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3895/rts.v18n54.15217>.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Maria Lacerda de Moura, sem data. [s.d.]. **Wikimedia Commons**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_Lacerda_de_Moura,_sem_data.tif?uselang=pt-br. Acesso em: 19 nov. 2025.
- BARUFALDI, L. A; SOUTO, R. M. C. V; CORREIA, R. S. D. B; MONTENEGRO, M. D. M. S; PINTO, I. V; SILVA, M. M. A. D; LIMA, C. M. D. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, p. 2929-2938, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12712017>.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.
- DECLARAÇÃO Universal de Direitos Humanos. Paris: ONU, 1948. Disponível em: https://brasil.un.org/sites/default/files/2025-03/ONU_DireitosHumanos_DUDH_UNICRio_20250310.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- IBGE. **Estatísticas de gênero indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- IPEA. **Agenda 2030: objetivos de desenvolvimento sustentável: avaliação do progresso das principais metas globais para o Brasil: ODS 5: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**. Brasília, DF, 2024. 19 p. (IPEA. Cadernos ODS, 5).
- LARA, J. T. D.; CAPOZZI, R. Os anuros de Bertha Lutz: a diversidade de práticas científicas na herpetologia brasileira entre as décadas de 1940 a 1970. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 19, n. 3, e20230104, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2023-0104>.
- MACEDO, E. D. V. Uma luta justa... e elegante: os feminismos conflitantes de Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura na década de 1920. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**, p. 34-67, 2003.

- MOSTAFA, J.; REZENDE, M. T.; FONTOURA, N. D. O. Introdução. In: O QUE MOSTRA o retrato do Brasil? ODS 5: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. **Cadernos ODS**, 2019, 56 p. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9378>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- NEGRI, F. **Mulheres na ciência no Brasil: ainda invisíveis?** 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/177-mulheres-na-ciencia-no-brasil-ainda-invisiveis>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- NEGRI, F. Women in science: still invisible? In: PRUSA, A.; PICANÇO, L. (ed.). **A snapshot of the status of women in Brazil**: 2019. Washington, DC: Wilson Center, 2019. p. 18-19. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/status_of_women_in_brazil_2019_final.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- OFFEN, K. Defining feminism: A comparative historical approach. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 14, n. 1, p. 119-157, 1988.
- PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. A quarta onda feminista no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, 31, e83260, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v31n383260>.
- ROSA, G. R. Equidade de gênero em Nísia Floresta. **Revista Sociais e Humanas**, v. 26, n. 3, p. 509-529, 2013.
- ROSALEN, E.; PEDRO, J. M. Os debates historiográficos sobre os feminismos da “segunda onda” na contemporaneidade. **Revistas Feminismos**, v. 11, n. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.v11i2.57407>.
- SALLES, D. M.; GIORDANI, A. C.; BIAGI, A.; DE PAIVA AFFONSO, I.; FERNANDES, V.; Social movements and the 2030 Agenda: the correlation between the progressist agendas and the Sustainable Development Goals. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais**, v. 59, e2054-e2054, 2004.
- SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2015.
- SOARES, A. C. R.; MAZZARINO, J. M. A violência de gênero como estopim e as redes sociais como propulsoras da quarta onda feminista no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, v. 44, n.1, p. 107-148, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/cs.v44n1p107-148>.
- TOKARSKI, C. P. C.; MATIAS, K. D. A. C.; PINHEIRO, L. C.; CORREA, R. M. S. C. **Igualdade de gênero**. 2022. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/11542/1/BPS_29_igualdade_genero.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- WOLLAERT, P. **The sustainable development goals: a global vision for local action**. Antwerpen: Cifal; Unitar, 2016. Disponível em: http://bcz-cbl.be/media/216090/2017_10_17_ppt-peter-wollaert.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1929. 120 p.
- ZIRBEL, I. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 7, n. 2, p. 10-31, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2021/03/Ondas-do-Feminismo.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Capítulo 5

Mulheres na Embrapa Florestas

Edina Regina Moresco



Introdução

A definição de floresta, de acordo com o Dicionário Houaiss, é uma “vasta extensão de terra coberta de árvores”. Uma floresta é composta por uma diversidade de indivíduos que coexistem em um ecossistema complexo e interligado, com uma rica biodiversidade de plantas e animais. Utilizando essa analogia, é apresentada uma perspectiva particular sobre o papel das mulheres na Embrapa Florestas.

Florestas. Quais são as mulheres que compõem esse bosque humano na Embrapa Florestas? Embora a diversidade inclua a participação masculina, este texto se concentra especificamente no papel das mulheres.

Inventário

Atualmente, as mulheres representam 45% do quadro funcional da Embrapa Florestas (Centro Nacional de Pesquisa de Florestas – CNPF). Para ilustrar essa participação, foi realizado um inventário do contingente feminino mediante dados fornecidos pelo Setor de Gestão de Pessoas (SGP). Assim, foi possível mapear a distribuição e a composição da força de trabalho feminina.

A análise dos dados da Tabela 5.1 revela que a “floresta” profissional é predominantemente composta por três “espécies” principais: doze engenheiras-agrônomas, nove engenheiras florestais e sete administradoras. No entanto, a verdadeira riqueza e diversidade desse ecossistema são encontradas nas dezenove outras especialidades que também compõem a equipe multidisciplinar, conforme descrito adiante (Tabela 5.1).

No que tange ao grau de formação, 95,83% das mulheres da Embrapa Florestas possuem graduação (Tabela 5.2). São 69 mulheres de áreas diversas descritas na Tabela 5.1, com formação superior. Destas, 54% possuem algum nível de especialização (especialização, mestrado, doutorado e, ou pós-doutorado). Uma equipe de mulheres altamente qualificada e diversa.

A Tabela 5.3 traz a distribuição dos cargos destas mulheres, o que coaduna com a Tabela 5.2, já que a grande maioria foi contratada como pesquisadora (27) ou analista (25). A atuação das mulheres da Embrapa Florestas se concentra nas atividades de pesquisa e desenvolvimento, nos cargos eletivos de maior graduação existentes na Embrapa.

Tabela 5.1. Formação das funcionárias da Embrapa Florestas.

Formação	Quantidade
Agronomia	12
Engenharia Florestal	9
Administração	7
Ciências Biológicas	6
Comunicação	6
Ciências Contábeis	4
Secretariado Executivo	4
Farmácia	3
Química	3
Química Ambiental	3
Direito	2
Pedagogia	2
Análise de Sistemas	1
Biblioteconomia	1
Biotecnologia	1
Engenharia de Alimentos	1
Estatística	1
Informática	1
Letras	1
Matemática	1
Química Industrial	1
Zootecnia	1
Não informado	1

Fonte: Dados fornecidos pelo Setor de Gestão de Pessoas da Embrapa Florestas, em novembro de 2024.

Tabela 5.2. Grau de formação das funcionárias da Embrapa Florestas.

Grau de Formação	Quantidade
Pós-doutorado	6
Doutorado	22
Mestrado	7
Especialização	2
Graduação	32
Segundo Grau	3
Total	72

Fonte: Dados fornecidos pelo Setor de Gestão de Pessoas da Embrapa Florestas, em novembro de 2024.

Tabela 5.3. Cargos eletivos ocupados pelas funcionárias da Embrapa Florestas.

Cargo	Quantidade
Analista A	24
Analista B	1
Assistente A	7
Pesquisador A	26
Pesquisador B	1
Técnico A	7
Técnico B	6
Total Geral	72

Fonte: Dados fornecidos pelo Setor de Gestão de Pessoas da Embrapa Florestas, em novembro de 2024.

Mulheres pioneiras na Embrapa

A formação de uma floresta, ou de uma instituição, não é um processo instantâneo. As florestas se formam a partir do estabelecimento das primeiras espécies que colonizam o ambiente e são chamadas de pioneiras. Elas são cruciais para iniciar a sucessão ecológica, preparando o terreno para que outras espécies mais tarde se estabeleçam.

Na Embrapa, a presença feminina em posições de destaque ainda se encontra em uma fase “pioneira”, sem uma consolidação de uma população robusta de autoras, líderes de projetos e gestoras. Essa observação nos leva a uma reflexão sobre a representatividade feminina em cargos de liderança, uma realidade que se contrapõe à predominância masculina em papéis similares. A própria Embrapa, em cinquenta e dois anos de sua história, teve menos de dez mulheres em cargos de diretoria, uma na presidência e, também, menos de uma dezena já ocuparam o cargo de chefia geral em algumas das quarenta e cinco Unidades Descentralizadas (UDs), indicando um cenário que ainda tem muito a evoluir.

Mas quem são as pioneiras que abriram esse caminho?

A primeira publicação, com a marca da Embrapa a ter uma mulher como autora foi a “Bibliografia de Solos” de 1974 (Figura 5.1) (Nassar, 1974). A autora era a bibliotecária, Nazira Leite Nassar, um reflexo da época em que bibliotecárias eram frequentemente responsáveis por organizar e publicar informações, especialmente em revisões bibliográficas, como é o caso desta publicação.

Outra figura notável é a Dra. Tatiana Deane de Abreu Sá Diniz, uma grande pioneira. Em 1974, ela foi a primeira mulher a figurar como autora principal em uma publicação técnica

da Embrapa, em coautoria com Therezinha Xavier Diniz, que também teve um grande protagonismo como autora em trabalhos científicos da Embrapa, a partir de 1974 (Figuras 5.2 e 5.3) (Diniz; Bastos, 1974; Bastos; Diniz, 1981). A trajetória de liderança da Dra. Tatiana se estendeu para além das publicações: ela foi a primeira mulher a ser Chefe Geral de uma Unidade da Embrapa, no caso, Embrapa Amazônia Oriental, em Belém, PA (2003-2005) e a primeira a ocupar um cargo de diretora na sede da Empresa (2005-2011).



Figura 5.1. Publicação “Bibliografia de solos”.

Fonte: Nassar (1974).

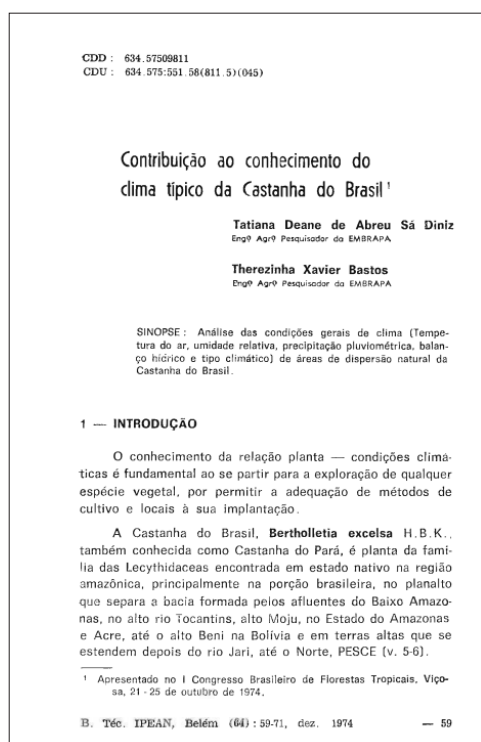


Figura 5.2. Publicação “Contribuição ao conhecimento do clima típico da castanha-do-Brasil”.

Fonte: Diniz e Bastos (1974).

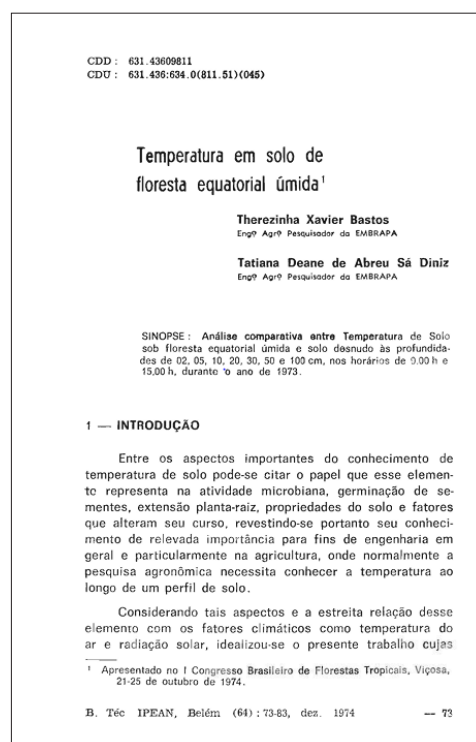


Figura 5.3. Publicação “Temperatura em solo de floresta equatorial úmida”.

Fonte: Bastos e Diniz (1981).

A história do pioneirismo feminino se estende à liderança de projetos. A primeira pesquisadora a liderar um projeto na Embrapa foi Eva Choer Moraes, em 1977. O projeto, focado na “Nutrição do Aspargo”, foi desenvolvido na Embrapa Clima Temperado, em Pelotas, RS. Anos mais tarde, em 1993, esse trabalho resultou em um dos primeiros volumes da série “Plantar”, um manual de produção de aspargo voltado ao público externo, liderado pela pesquisadora Eliane Augustin (Figura 5.4) (Augustin et al., 1993).

O aspargo ainda é um produto pouco acessível aos consumidores brasileiros, mas certamente existe produção nacional desta espécie porque existiu este projeto liderado pela Eva na Embrapa.

Pioneirismo Feminino na Embrapa Florestas

A Dra. Yeda Maria Malheiros de Oliveira é uma das maiores referências do pioneirismo feminino na Embrapa Florestas. Ela foi a primeira pesquisadora a ser contratada na Unidade Regional de Pesquisa Florestal Centro-Sul, criada em 1978, posteriormente transformada no Centro Nacional de Pesquisa Florestal - CNPF, em 1984, e a primeira a participar da coautoria em um trabalho publicado pela Unidade (Figura 5.5) (Brum et al., 1976). A Dra. Yeda também foi a primeira coautora (mulher) em documentos da Série Técnica da Embrapa Florestas (Shimizu; Oliveira, 1981) (Figura 5.6) e a primeira mulher a publicar no Boletim de Pesquisa Florestal (BPF), atual Pesquisa Florestal Brasileira (PFB) (Figura 5.7) (Oliveira, 1982). Sua contribuição também se estendeu à gestão, tendo sido a primeira Chefe Adjunta de Apoio Técnico (P&D) (1992-1995) e a primeira Chefe Geral interina em 1995 no CNPF.

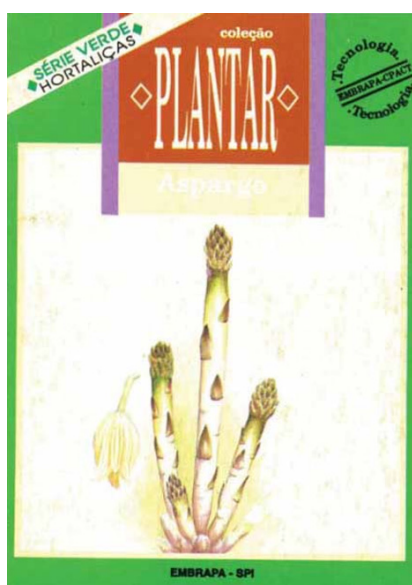


Figura 5.4. Publicação “A cultura do aspargo”.
Fonte: Augustin et al. (1993).

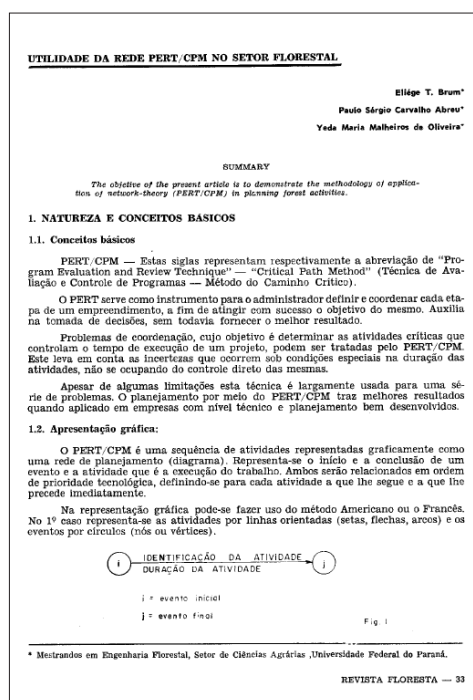


Figura 5.5. Publicação “Da utilidade da rede PERT/CPM no setor florestal”.
Fonte: Brum et al. (1978).

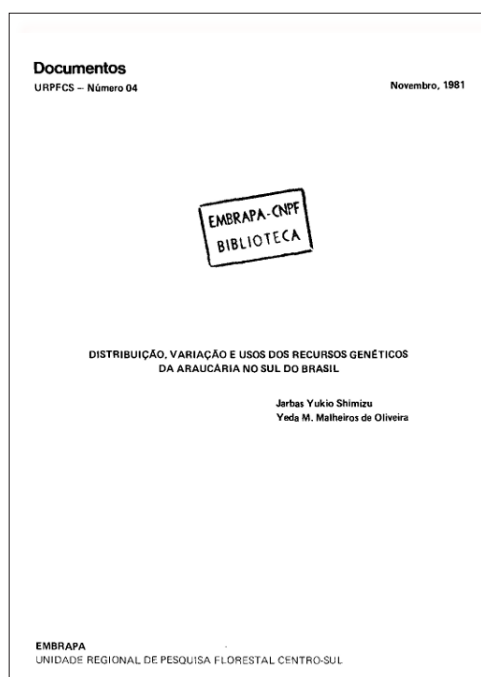


Figura 5.6. Publicação “Distribuição, variação e usos dos recursos genéticos da araucária no Sul do Brasil”.

Fonte: Shimizu; Oliveira (1981).

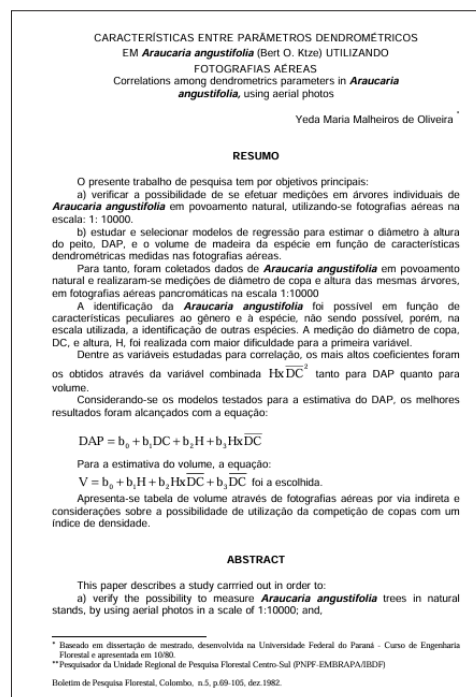


Figura 5.7. Características entre parâmetros dendrométricos em *Araucaria angustifolia* (Bert O. Ktze.) utilizando fotografias aéreas.

Fonte: Oliveira (1982).

Na Embrapa Florestas, a primeira pesquisadora a liderar um projeto foi a Dra. Maria Eliza Cortezzi Graça, em 1985, com o trabalho sobre “Maximização do potencial de enraizamento de estacas de *Eucalyptus dunnii*”. No entanto, na publicação decorrente, uma Circular Técnica, Maria Eliza figura como segunda autora, com o pesquisador Marcos Antônio Cooper como autor principal, um padrão observado em diversos casos na época (Figura 5.8) (Cooper; Graça, 1987).

A partir de 1980, mulheres começaram a figurar como coautoras também em livros científicos na Embrapa Florestas. O primeiro livro a documentar esse fato teve a bibliotecária Carmen Lúcia Casilha Stival como coautora, em um trabalho semelhante ao de Nazira Leite Nassar, a primeira publicação com autoria feminina na Embrapa, como já citado anteriormente (Figura 5.9) (Rotta; Stival, 1980).

O primeiro Comunicado Técnico da Embrapa Florestas com coautoria feminina ocorreu em 1996, com a contribuição da Dra. Valderês Aparecida de Sousa-Lang (Figura 5.10) (Rotta et al., 1996).

Em 2001 foi publicado o primeiro Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento com coautoria feminina, com a participação da Dra. Maria Cristina Medeiros Mazza (Figura 5.11) (Lagos et al., 2001).

O primeiro livro da Embrapa Florestas a ser publicado, trazendo como primeira autora uma mulher, ocorreu somente em 2010 com a publicação “Insetos florestais de importância quarentenária para o Brasil” pela Dra. Sussete do Rocio Chiarello Penteado (Figura 5.12) (Penteado et al., 2010).

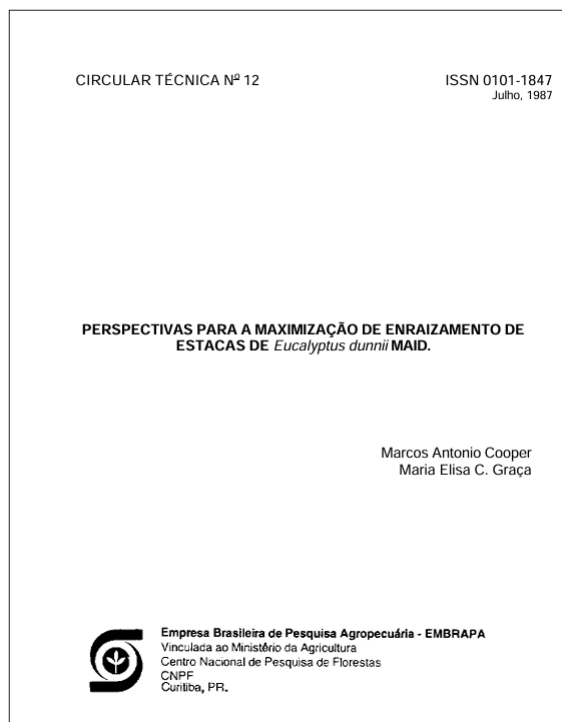


Figura 5.8. Publicação “Perspectivas para a maximização de enraizamento de estacas de *Eucalyptus dunnii* Maid”.

Fonte: Cooper; Graça (1987).

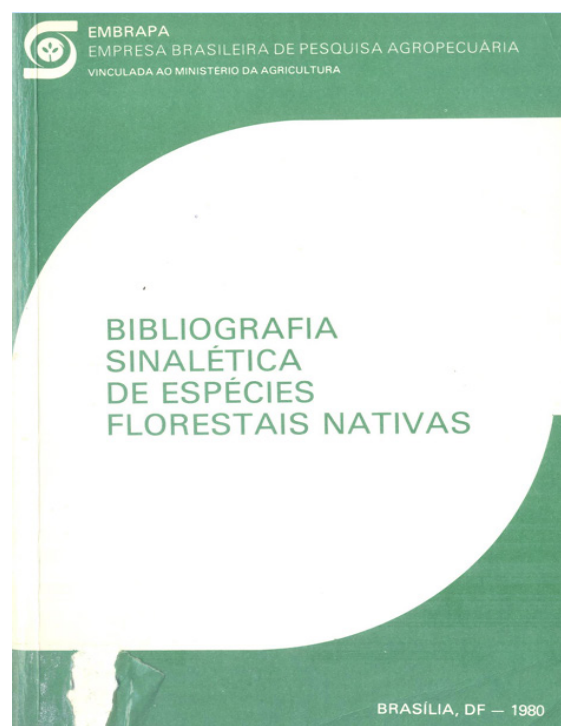


Figura 5.9. Publicação “Bibliografia sinalética de espécies florestais nativas”.

Fonte: Rotta e Stival (1980).



Figura 5.10. Produção de mudas por estaquia de *Lagerstroemia indica*.

Fonte: Rotta et al. (1996).

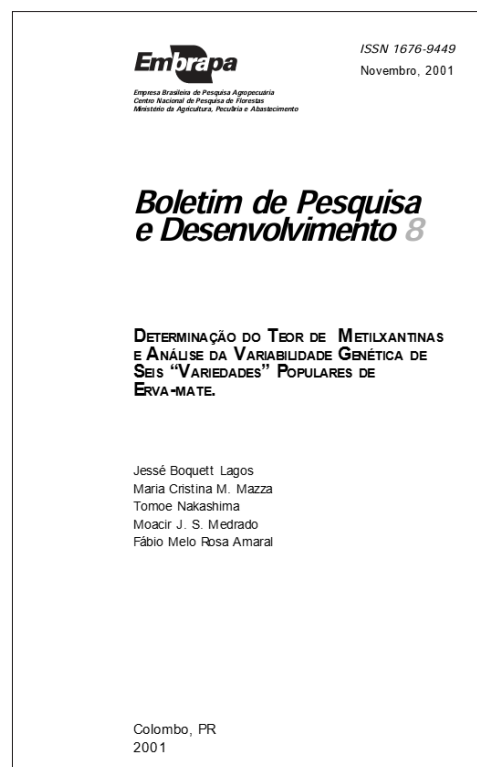


Figura 5.11. Publicação “Determinação do teor de metilxantinas e análise da variabilidade genética de seis variedades populares de erva-mate”.

Fonte: Lagos et al. (2001).



Figura 5.12. Publicação “Insetos florestais de importância quarentenária para o Brasil: guia para seu reconhecimento”.

Fonte: Penteado et al. (2010).

A ascensão feminina em posições de liderança administrativa e de transferência de tecnologia é mais recente. As primeiras chefes adjuntas nessas áreas foram Rejane Stumpf Sberze (a partir de 2020 até o momento atual) e a Dra. Edina Regina Moresco (a partir de 2021 até o momento atual). Esses marcos demonstram que a jornada da representatividade feminina na Embrapa Florestas está em estágio inicial, com um vasto potencial a ser explorado.

Considerações finais

Embora o crescimento tenha sido tímido, a jornada das mulheres na Embrapa Florestas tem sido notável, estabelecendo marcos importantes em um cenário historicamente dominado por homens. Embora a instituição ainda esteja em uma fase inicial de consolidação de lideranças femininas, as conquistas alcançadas demonstram a força e a relevância de sua participação.

Referências

AUGUSTIN, E.; MORAES, E. C.; D'OLIVEIRA, L. O. B.; OSORIO, V. A.; COUTO, M. E. O.; PETERS, J. A.; SALLES, L. A. B. de. **A cultura do aspargo**. Brasília, DF: EMBRAPA-SPI, 1993. 60 p. (EMBRAPA-SPI. Coleção Plantar, 8). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/100671/1/Aculturadoaspargo.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

BASTOS, T. X.; DINIZ, T. D. de A. S. Temperatura em solo de floresta equatorial úmida. Boletim Técnico. IPEAN, n. 64, p. 73-83, 1974. Publicado também em: CONGRESSO BRASILEIRO DE FLORESTAS TROPICAIS, 1., 1974, Viçosa, MG. **Anais [...]**. Viçosa, MG: Universidade Federal de Viçosa, 1981. v. 2, p. 492-502. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/375687/1/BT64p7383.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

BRUM, E. T.; ABREU, P. S. C.; OLIVEIRA, Y. M. M.de. Da utilidade da rede PERT/CPM no setor florestal. **Floresta**, v. 8, n. 2, p. 33-46, 1976. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/floresta/article/download/6205/4424>. Acesso em: 04 ago. 2025.

COOPER, M. A.; GRACA, M. E. C. **Perspectivas para a maximização de enraizamento de estacas de *Eucalyptus dunnii* Maid.** Curitiba, PR: EMBRAPA-CNPf, 1987. 9 p. (EMBRAPA-CNPf. Circular técnica, 12). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/291001/1/circ-tec12.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

DINIZ, T. D. de A. S.; BASTOS, T. X. Contribuição ao conhecimento do clima típico da castanha-do-brasil. **Boletim Técnico**. IPEAN, n. 64, p. 59-71, 1974. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/375686/1/BT64p5971.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

LAGOS, J. B.; MAZZA, M. C. M.; NAKASHIMA, T.; MEDRADO, M. J. S.; AMARAL, F. M. R. **Determinação do teor de metilxantinas e análise da variabilidade genética de seis variedades populares de erva-mate.** Colombo: Embrapa Florestas, 2001. 18 p. (Embrapa Florestas. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, 8). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/301883/1/Boletimdepesquisa08.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

NASSAR, N. L. **Bibliografia de solos.** Belém, PA: IPEAN, 1974. 290 p. (IPEAN. Bibliografia, 6). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/373265/1/BIBLIOGRAFIADESOLOS.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

OLIVEIRA, Y. M. M. de. Características entre parâmetros dendrométricos em *Araucaria angustifolia* (Bert O. Ktze.) utilizando fotografias aéreas. **Boletim de Pesquisa Florestal**, n. 5, p. 69-105, 1982. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/282255/1/yoliveira.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

PENTEADO, S. do R. C.; IEDE, E. T.; REIS FILHO, W.; BARBOSA, L. R.; STRAPASSON, P.; LINZMEIER, A. M.; CASTRO, C. F. de. **Insetos florestais de importância quarentenária para o Brasil: guia para seu reconhecimento.** Colombo: Embrapa Florestas, 2010. 82 p. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/881331/1/Insetosflorestais.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

ROTTA, E.; STIVAL, C. L. C. **Bibliografia sinalética de espécies florestais nativas.** Brasília, DF: EMBRAPA DID, 1980. 162 p. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/302474/1/Embrapa-1980-Bibliografia-Rotta-Cassilha.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

ROTTA, E.; TAVARES, F. R.; SOUSA-LANG, V. A. de. **Produção de mudas por estaquia de *Lagerstroemia indica*.** Colombo, PR: EMBRAPA-CNPf, 1996. 3 p. (EMBRAPA-CNPf. Comunicado técnico, 11). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/290781/1/comtec11.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

SHIMIZU, J. Y.; OLIVEIRA, Y. M. M. de. **Distribuição, variação e usos dos recursos genéticos da araucária no sul do Brasil.** Curitiba: EMBRAPA-URPFCS, 1981. 9 p. (EMBRAPA-URPFCS. Documentos, 4). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/291018/1/Doc04.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Capítulo 6

A mulher na Engenharia Florestal

Yeda Maria Malheiros de Oliveira



Introdução

A busca da mulher por espaços na sociedade deve ser compreendida como um processo histórico e evolutivo, mas que também envolve aspectos regionais e é dependente de restrições relacionadas à religião, aos sistemas de crenças dominantes e ao arcabouço de poder. Assim foi desde a “época das cavernas”, passando pelos registros mencionados em textos religiosos, como as diferentes versões da Bíblia Sagrada. Deve-se considerar os contextos e ensinamentos filosóficos e religiosos, como os mencionados por Zaratustra, Aristóteles, Sófocles, Lutero, entre outros. Mesmo na legislação da época, entretanto, há o viés conveniente. Como exemplo, é citado que, pela constituição inglesa antiga e pelos códigos de conduta franceses, a ênfase era: “a mulher é inferior ao homem e a ele deve subordinação”.

Com relação aos direitos humanos e à liberdade de expressão, uma das grandes questões é: geografia é destino? Napoleão já dizia: “Se você muda sua geografia, você muda seu destino”. Assim, os avanços em direção de maior isonomia entre gêneros serão diferenciados, dependendo do posicionamento geográfico da população, em qualquer região do planeta. Isso vale para qualquer atividade, desde o direito ao trabalho e à remuneração ou à simples possibilidade de possuir e dirigir um automóvel, por exemplo. Tal realidade é enfrentada até os dias de hoje, em determinadas sociedades. Como reflexão, com relação às diferenças evolutivas regionais, pode-se considerar que o panorama e os desafios são e sempre serão maiores para algumas mulheres do que para outras, a depender de contingências externas.

Ensino - Mulheres na Engenharia

No Brasil, concluir um curso superior já foi um desafio imenso, principalmente para as mulheres. Os primórdios da presença da mulher na engenharia, em solo brasileiro, são marcados pelo pioneirismo de poucas mulheres. Os primeiros registros são da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se graduaram: Edwiges Maria Becker - 1919; Anita Dubugras - 1920; Iracema da Nóbrega Dias - 1921 e Maria Esther Corrêa Ramalho - 1922. No Paraná, Enedina Alves Marques foi a primeira mulher a formar-se em Engenharia Civil, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1945, aproximadamente 20 anos após os primeiros registros cariocas. Interessante ressaltar o pioneirismo de Enedina (mulher e negra), já que somente muitos anos depois aconteceu a formatura de outra mulher, em engenharia, no Paraná.

Passadas muitas décadas, a engenharia continua sendo considerada como uma área eminentemente masculina. Pelo menos, no que se refere à formação profissional, tal cenário está mudando, mas ainda há um longo caminho a seguir. No que tange aos cursos de engenharia em geral, no Brasil, em levantamento específico com tema mulheres no ambiente estudantil, observou-se que 54% dos estudantes de doutorado são mulheres, mas apenas 25% delas participam das ciências exatas (Negri, 2019). Outra menção que impressiona: na América

Latina, 72% dos artigos científicos, os quais envolveram todas as áreas do conhecimento, entre 2014 e 2017, são assinados por mulheres, o que demonstra o potencial feminino para a produção científica (Albornoz et al., 2018), mas há áreas, principalmente àquelas ligadas às ciências humanas que são responsáveis pelos maiores avanços.

Ensino - Mulheres na Engenharia Florestal

Em 1958, o Presidente Juscelino Kubitschek determinou que se equacionasse o problema florestal no Brasil e decidiu pela criação de um Curso de Engenharia Florestal em Viçosa, MG, em convênio com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura” (Food and Agriculture Organization - FAO). Tal convênio foi depois transferido para Curitiba, PR. Como o curso em Viçosa também foi mantido, estão registradas, entre as primeiras mulheres formadas em Engenharia Florestal: Maria das Graças Ferreira Reis, graduada pela Universidade Federal de Viçosa – UFV (1973) e Alcina Morici, na turma de 1964, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, na primeira turma de formandos. O pioneirismo de Alcina, no Paraná, fica claro quando se recorda que a segunda mulher graduada em Engenharia Florestal foi Luiza Maria Claret Burger (turma de 1970), portanto seis anos depois. A partir daí e, por muitos anos, poucas mulheres estiveram entre formandos nas turmas e, ao longo das décadas, tal diferença foi diminuindo. Listas de formandos, por turma, foram publicadas em Macedo e Machado (2003), agregando-se dados de 2003 a 2025 (primeiro semestre) obtidos junto à secretaria do curso de Engenharia Florestal da UFPR, permitindo a geração de um gráfico com as informações disponíveis, que demonstram o crescimento do número de mulheres (Figura 6.1), em relação ao total de alunos, ao longo do tempo. Adicionalmente, segundo Lopes (2021), o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea) documentou 15.739 engenheiros florestais com registros ativos em 2021, sendo 10.336 (65,7%) homens e 5.403 (34,3%) mulheres, considerando o Brasil inteiro. Na área de pós-graduação em engenharia florestal, representada por cursos de mestrado e doutorado, não há estatísticas disponíveis, com relação à representatividade histórica feminina, ao longo do tempo. São, entretanto, números expressivos, ao se considerar que em 2018, havia 42 programas de pós-graduação na área, número que se manteve estável até 2022, distribuídos em 23 instituições.

Com relação aos docentes, Moster (2022) cita levantamento realizado em 69 cursos de Engenharia Florestal, por meio de página virtual ou contato por e-mail, em que foi possível obter informações sobre o corpo de professores de 37 cursos, onde foram listadas 266 mulheres em um total de 807 docentes (33%). Regionalmente, a autora encontrou destaque para a região Nordeste, com 39%. Atualmente, muitos são os exemplos de engenheiras florestais que atuam no ensino, na pesquisa e na extensão oriundas de suas áreas de expertises no campo florestal, algumas delas destacadas nos itens a seguir.

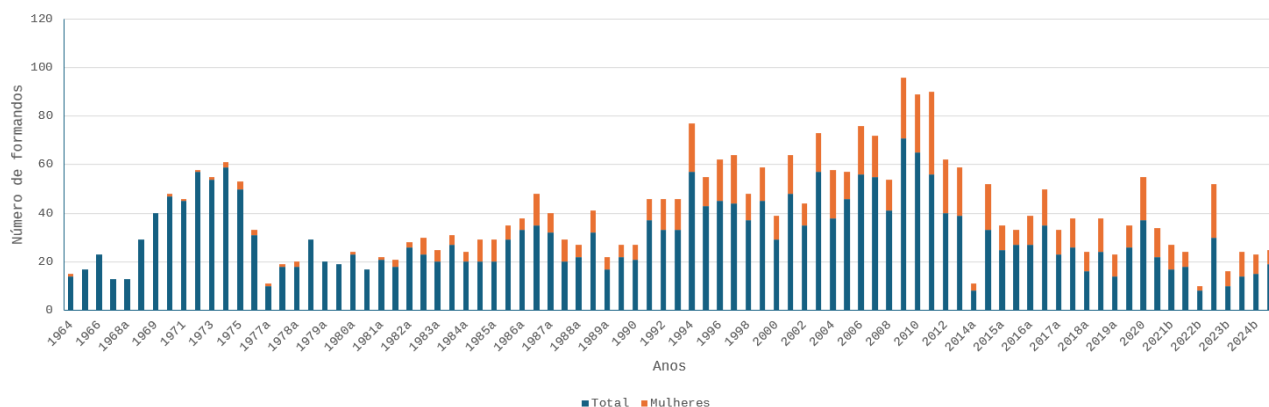


Figura 6.1. Série histórica de formandos no curso de graduação de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná.

Fontes: Macedo e Machado (2003) e Secretaria do Curso de Engenharia Florestal da UFPR.

Pesquisa - Engenheiras Florestais no Brasil

A pesquisa florestal, além do ensino, poderia ter sido uma das áreas com ocorrência de menores restrições à atuação das mulheres. Entretanto, tal fenômeno aconteceu com menor intensidade, por vários motivos, como: a) a disponibilidade de mulheres com titulação mínima e preparo para cargos de pesquisa, normalmente alcançados mediante concursos públicos e b) o número de instituições de pesquisa, comparado ao de instituições de ensino, ao longo das últimas décadas, sempre foi bastante inferior. De qualquer forma, a atividade de pesquisa tem conquistado o sexo feminino, já que, segundo a Yoshioka (2024), congrega 38% do total de envolvidas na área florestal, como um todo.

A pesquisa florestal no Brasil foi impulsionada pela criação do Programa Nacional de Pesquisa Florestal (PNPF) em 1978, coordenado pela Embrapa, em parceria com o extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal -IBDF (atualmente Ibama). Foi criada uma estrutura com quatro bases físicas em diferentes regiões do País, localizadas em centros regionais de pesquisa da empresa, especificamente: na região Norte (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU, hoje Embrapa Amazônia Oriental); na região central (Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados - CPAC, hoje Embrapa Cerrados; na região Nordeste (Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido – CPATSA, hoje Embrapa Semiárido) e uma unidade exclusivamente florestal (Unidade regional de Pesquisa Florestal Centro Sul – URPFCS, hoje Embrapa Florestas), localizada na região Sul, em Colombo, PR.

Foram contratados 24 pesquisadores, distribuídos nas quatro bases físicas. Naquele momento, a única mulher do grupo era Yeda Maria Malheiros de Oliveira, lotada na URPFCS. Nos anos seguintes, outras pesquisadoras foram incorporadas ao grupo florestal, como Noemi Vianna Martins Leão, pesquisadora contratada em 1979, para o CPATU. Ao longo dos anos, o número de pesquisadoras formadas em Engenharia Florestal cresceu substancialmente, sendo lotadas em diversas unidades de pesquisa da Embrapa. Como recorte desse número,

somente a Embrapa Florestas conta atualmente com 71 pesquisadores, dos quais 25 são engenheiros florestais (homens) e 8 são mulheres (32%).

Destaque para a engenheira florestal Dra. Valderês Aparecida de Sousa, coordenadora nacional do relatório brasileiro sobre recursos genéticos florestais que gerou o documento *The Second Report on the State of the World's Forest Genetic Resources*, publicado em 2022 pela FAO. Valderês atuou como Chairperson na Oitava Sessão do Grupo de Trabalho Técnico Intergovernamental sobre Recursos Genéticos Florestais (grupo vinculado à Comissão de Recursos Genéticos da FAO), em 2024. Outro exemplo de contribuição relevante para o tema em questão é o da Dra. Cristiane Aparecida Fioravante Reis, engenheira florestal da Embrapa Florestas e autora do estudo *A Participação das Mulheres na Cadeia Produtiva Florestal Brasileira* (Reis, 2024).

Na Embrapa, como os principais instrumentos de busca de soluções para os problemas agropecuários e florestais são os projetos de pesquisa, cabe aqui mencionar um deles, que tem o objetivo específico de envolver e capacitar o público feminino. Trata-se do projeto Mulheres e a Cultura do Pinhão, desenvolvido pela Embrapa Florestas (liderado pela pesquisadora Dra. Rossana Catie Bueno de Godoy), com apoio da Vitrine da Biodiversidade Brasileira e da indústria de cosméticos Avon, com foco no fomento da bioeconomia e o manejo do pinhão.

Além da Embrapa, empresas estaduais de pesquisa, fundações estaduais de amparo à pesquisa, empresas florestais e instituições correlatas também estão relacionadas ao contexto da pesquisa florestal, no Brasil. Destaque para o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), onde atua a engenheira florestal Dra. Barbara Nayara Sbardelotto Brum e Instituto de Pesquisas Tecnológicas do estado de São Paulo (IPT), com a engenheira florestal Dra. Ana Paula de Souza Silva.

Iniciativa privada – engenheiras florestais e a capacitação de mulheres

O setor florestal envolvendo a produção e o processamento de madeira é um setor eminentemente masculino, desde as atividades de campo, nas fábricas e oficinas, no transporte de matéria-prima e dos produtos acabados, entre outras etapas dos processos envolvendo a cadeia produtiva. Assim, a maioria das mulheres sempre atuou em atividades de assessoramento, planejamento e gestão intermediária, ou em especialidades desenvolvidas em escritório, como cálculos, geoprocessamento etc.

Segundo o Panorama de gênero do Setor Florestal (Yoshioka, 2024), a participação das mulheres em empresas vinculadas ao setor, mesmo ainda incipiente, cresceu de 13% em 2020 para 18% em 2023, ainda com predominância na área administrativa (47%). Pesquisa e Desenvolvimento (38%) e viveiros (41%) são os destaques nas áreas técnicas.

Algumas pioneiras, entretanto, devem ser citadas, como Tania Magda Matsuno Ramos, que lidera uma empresa de consultoria florestal desde os anos 1970 e a Dra. Ivone Satsuki Namikawa Fier, primeira engenheira florestal contratada pela Empresa Klabin S.A., onde atuou até sua aposentadoria. Mais recentemente, o setor privado florestal, acompanhando as tendências mundiais, têm buscado se adequar aos movimentos de equidade de gênero. A Klabin S.A. aderiu voluntariamente ao processo em 2016 e integra, desde 2020, o movimento “Equidade é Prioridade” do Pacto Global. O objetivo dessa iniciativa é estabelecer metas para que as empresas que fazem parte do Pacto aumentem o número de mulheres em cargos de alta liderança que, segundo documento de Yoshioka (2024), ainda tem enorme potencial de crescimento, representando atualmente apenas 21% do total dos cargos de diretoria, envolvendo área jurídica, coordenação e gestão geral. Na mesma linha, a Suzano S.A. está comprometida em oferecer um ambiente de trabalho inclusivo, por meio de iniciativas e políticas sociais, buscando atingir a meta de 30% de mulheres em cargos de liderança, até 2025.

Além de investir em novas lideranças, as empresas florestais também investem em capacitação de pessoal. Em 2023, a Empresa Veracel Celulose ofereceu o curso de Formação de Operadores de Máquinas Florestais e o curso de Formação de Mecânicos (para mulheres e homens) e 50% das vagas disponíveis em ambos os cursos foram preenchidas por mulheres.

A Empresa Bracell iniciou o projeto “Farmácia Verde” em 2017. Consiste na capacitação de mulheres das comunidades locais na fabricação de sabonetes e artigos de perfumaria produzidos com plantas medicinais. Algumas ações empreendidas: Projeto “Mulheres em Ação” (2021), curso de extensão universitária em Naturopatia na Bahia (2019-2021), Centro Farmácia Verde para Produção de Sabão (Cangula, 2022) e Horta de Ervas Medicinais (2022).

É importante destacar que um dos sistemas internacionais de certificação do manejo florestal no Brasil, no caso o sistema preconizado pelo Forest Stewardship Council (FSC), já em 2015 incorporou o quesito equidade de gênero aos seus critérios e indicadores. O critério 2.2 prevê: “A Organização deverá promover a igualdade de gênero nas práticas de emprego, oportunidades de treinamento, celebração de contratos, processos de engajamento e atividades de gestão” (Forest Stewardship Council, 2016).

Poder público – engenheiras florestais em posições de liderança

O poder público é um setor em que as mulheres sempre puderam participar em maior número, embora não necessariamente em posições de destaque ou comando. Muitas, hoje, são as mulheres ministras de estado, juristas, chefes de departamento de universidades e centros de pesquisa, sendo que há um olhar cuidadoso para atender à equidade de gênero no que se refere às posições de liderança (nível nacional, estadual e até municipal). O recorte

para o papel de destaque de engenheiras florestais, entretanto, merece mais ressalvas em relação ao número de dirigentes, embora perceba-se que a tendência é de um número maior de mulheres na gestão universitária, por exemplo. Como exemplo de dirigentes universitárias, pode-se citar: Dra. Patrícia Pereira Pires, coordenadora do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Dra. Josita Soares Monteiro, coordenadora do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Santa Maria. Há também as professoras e engenheiras florestais Dra. Sybelle Barreira e Dra. Francine Neves Calil que atuam nas funções de coordenação e vice-coordenação do Programa de Pós-Graduação em Agronegócio da UFG, respectivamente. Dra. Francine também atua como vice-coordenadora da Escola de Agronomia (a qual engloba o curso de Engenharia Florestal) da UFG. Entretanto, deve-se ressaltar que um levantamento em campo certamente mostraria números relevantes. No contexto ambiental, destaca-se Walquíria Pizzato Lima, gerente de parques da Prefeitura de Curitiba. Lella Regina Curt Bettega é engenheira florestal e advogada, sócia da empresa de consultoria e a atual presidente da Associação Paranaense de Engenheiros Florestais (APEF).

A diretoria da Embrapa hoje é composta por cinco dirigentes, sendo três mulheres (inclusive a Presidente, Dra. Silvia Maria Fonseca Silveira Massruhá). Dentre tal grupo, ressalta-se a importância da atuação da Engenheira Florestal Dra. Ana Margarida Castro Euler, Diretora Executiva de Inovação, Negócios e Transferência de Tecnologia da Embrapa. Saliente-se também a importância da atuação da Engenheira Florestal, Dra. Graciela Bolzon Muniz, como vice-reitora da UFPR, no período de 2016 a 2025.

Políticas públicas, fomento e financiamento

Iniciativas de cunho regional, estadual e municipal podem e devem ser mapeadas, permitindo um olhar otimizado e a criação de programas locais. Como exemplo de política pública de nível nacional, envolvendo o fomento e o financiamento de bens e serviços, é citado o Pronaf Mulher, programa que possibilita crédito de investimento para atender às necessidades da mulher produtora rural. É possível financiar investimentos destinados à construção, reforma ou ampliação de benfeitorias e instalações na propriedade rural e, também, a aquisição de máquinas, equipamentos e implementos; a aquisição de matrizes; a formação e recuperação de pastagens; proteção e correção do solo; a aquisição de bens como tratores e embarcações, entre outras atividades.

O Plano Safra da Agricultura Familiar também criou uma linha específica para mulheres rurais. Possibilita o financiamento à mulher agricultora integrante de unidade familiar de produção enquadrada no Pronaf, independentemente do estado civil. Possui limite de financiamento de até R\$ 25 mil por ano e taxa de juros de 4% ao ano, orientada às agricultoras com renda anual de até R\$ 100 mil.

Políticas públicas, iniciativas não governamentais e networking

São inúmeras as iniciativas de cunho governamental ou performadas pela academia e por instituições públicas, privadas e organizações não governamentais, no contexto de ampliar a conexão e a visibilidade das mulheres e de suas atividades no contexto florestal. Pode-se citar, como exemplo: a Rede Mulheres nas Ciências Florestais, desenvolvida pelo Instituto Florestal da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), coordenado pela professora Dra. Cláudia Moster e que objetiva o levantamento de dados estatísticos e informações sobre o contexto profissional das engenheiras florestais pioneiras do Brasil, tendo editado o livro “Mulheres nas Ciências Florestais”, em 2022. Outra iniciativa específica para mulheres é a Rede de Mulheres das Águas e das Florestas (Remaf), que reúne 62 lideranças defensoras da sociobiodiversidade, que vivem no Norte e Nordeste do Brasil, como parte do Hub de Bioeconomia da Amazônia. No Projeto Floresta+Amazônia, a perspectiva de gênero é priorizada e colocada em prática por meio de ações e estratégias direcionadas, buscando benefícios equitativos. Pressupõe o protagonismo feminino para tomada de decisão nas matérias que afetem mulheres em qualquer idade e condição sociocultural, e impulsionando mudanças e dinâmicas de gênero positivas.

O Observatório das Mulheres Rurais do Brasil foi criado em 2022 e faz parte do Sistema de Inteligência Estratégica da Embrapa – Agropensa. É uma ferramenta de inteligência para a antecipação e o acompanhamento de questões relevantes do campo, considerando recortes regionais e, ou temáticos. Como lógica de articulação institucional interna, a Embrapa criou a Rede Embrapa Mulheres Rurais do Brasil, que inclui representantes de todas as unidades de pesquisa da empresa, localizadas nas diferentes regiões do Brasil.

A Rede Mulher Florestal é uma organização independente e pioneira que permite que pessoas e instituições do setor florestal brasileiro tenham contato, ampliem, promovam e, ou compartilhem seu conhecimento sobre o tema “gênero”, com foco na inclusão de mulheres no setor florestal. A organização tem publicado relatórios periódicos com importantes informações envolvendo o “Panorama de Gênero do Setor Florestal”. Fernanda Rodrigues, engenheira florestal e, diretora da Rede Mulher Florestal, é uma líder que tem despontado tanto nacional como internacionalmente. Destaque também para as engenheiras florestais Maria Harumi (Arauco Brasil/Klabin S.A.), Bárbara Bomfim (WWF Brazil) e Jocelaine Araujo (empreendedora).

O Programa Agro+Mulher foi desenvolvido no âmbito do Ministério da Agricultura e Pecuária e abriga o Coopergênero/Eurosocia, programa regional de cooperação técnica da União Europeia para promover a coesão social na América Latina, focalizando sua ação em áreas de gênero, visando o fortalecimento do Objetivo do Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5) da Agenda 2030 da ONU, sobre igualdade de gênero.

O Programa AgroMulher é a maior Rede de Mulheres do Agronegócio Brasileiro. Promove jornadas empreendedoras da mulher no campo e, também, a Caravana AgroMulher, com encontros de mulheres visando capacitar e fortalecer as mulheres no mundo do agronegócio.

Reconhecimento público às engenheiras florestais de destaque

Alguns exemplos de reconhecimentos públicos às engenheiras florestais de destaque são citados a seguir. Maria José Brito Zakia, engenheira florestal, consultora da Prática Assessoria Socioambiental e professora visitante de universidades paulistas, teve sua trajetória reconhecida durante o XXV Congresso Mundial da IUFRO, realizado em 2019, em Curitiba, PR, recebendo o prêmio Host Country Scientific Achievement Award.

Em reconhecimento ao pioneirismo de Enedina Alves Marques, mulher e negra, graduada em Engenharia Civil em 1945, o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia no Paraná instituiu o Prêmio Enedina Marques, com reconhecimento anual de profissionais de diferentes setores das engenharias. Foram ganhadoras do prêmio, em 2023 e 2024, respectivamente, as Engenheiras Florestais, Yeda Maria Malheiros de Oliveira e Tania Magda Matsuno Ramos. As engenheiras florestais, professora Dra. Sybelle Barreira da UFG e pesquisadora Cristiane Aparecida Fioravante Reis, da Embrapa Florestas, receberam o Certificado do Mérito Legislativo do Governo de Goiás, em junho de 2025, em celebração ao Dia do(a) Pesquisador(a).

O Prêmio Mulheres do Agro (PMA), iniciativa idealizada pela Bayer Brasil em parceria com a Associação Brasileira do Agronegócio (Abag), já reconheceu 54 mulheres rurais e uma pesquisadora.

O Prêmio Mulheres Positivas do Agronegócio, concedido pela Sociedade Rural Brasileira, é um reconhecimento que evidencia empreendedoras que atuam no Agronegócio. Organizado pelo movimento Mulheres Positivas e com patrocínio Master da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agro (ABMRA).

Considerações finais

Como reflexão e analisando o presente texto, pode-se considerar que as tendências para a ampliação da participação da engenheira florestal em um número significativo de setores e cargos são positivas, principalmente em função de alguns tópicos, como:

- a) Políticas de diversidade: muitas organizações estão implementando políticas de diversidade e inclusão, com metas específicas para aumentar a participação feminina;

- b) Networking e mentoria: redes de apoio e programas de mentoria para mulheres no setor florestal têm se expandido, oferecendo suporte e oportunidades de desenvolvimento profissional;
- c) Tecnologia: o avanço tecnológico no setor florestal (como uso de drones e sistemas de informações geográficas) está criando oportunidades que são menos dependentes de força física, potencialmente aumentando a participação feminina;
- d) Reconhecimento internacional: organizações internacionais como a FAO têm promovido ativamente a igualdade de gênero no setor florestal.

Assim, toda **MUDANÇA É UM PROCESSO!!!!**

Referências

ALBORNOZ, M.; BARRERE, R.; MATAS, L; OSORIO, L.; SOKIL, J. **Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana**. Buenos Aires, Argentina: Observatorio Iberoamericano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Iberoamericanos, 2018. p. 31-46.

FOREST STEWARDSHIP COUNCIL. **Promoting gender equality in national forest stewardship standards**. Bonn, 2016. 44 p. (FSC. FSCGUI-60-005 V1-0 EN).

LOPES, M. S. Atuação da mulher no setor de meio ambiente. **Mata Nativa**, 2021.

MACEDO, J. H. P; MACHADO, S. A. **A Engenharia Florestal da UFPR: história e evolução da primeira do Brasil**. Curitiba: Dos autores, 2003. 513 p.

MOSTER, C. **Mulheres nas Ciências Florestais**. Seropédica: Das autoras 2022. 124 p.

NEGRI, F. Women in science: still invisible? In: PRUSA, A.; PICANÇO, L. (ed.). **A snapshot of the status of women in Brazil**: 2019. Washington, DC: Wilson Center; 2019. p. 18-19. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/status_of_women_in_brazil_2019_final.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

REIS, C. A. F. **A participação das mulheres na cadeia produtiva florestal brasileira**. Colombo: Embrapa Florestas, 2024. (Embrapa Florestas. Documentos, 395). Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1168071/1/EmbrapaFlorestas-2024-Documentos395.pdf>.

YOSHIOKA, M. H. (coord.). **Panorama de gênero do setor florestal**: 2023. Curitiba: Rede Mulher Florestal, 2024.

Capítulo 7

Apresentação artística em homenagem à pesquisadora Maria Izabel Radomski (in memoriam) e a todas as mulheres

Maria Augusta Doetzer Rosot



Introdução

Por ocasião da realização do 1º Painel de Mulheres Florestais da Embrapa Florestas, a pesquisadora Maria Augusta Doetzer Rosot, a analista Manuela Bergamin de Oliveira e a assistente Paula Schultz Bittencourt Pucci, foram protagonistas de uma apresentação musical envolvendo voz e violão. As canções escolhidas foram “Oração ao tempo”, do compositor Caetano Veloso e “Rock da Bel”, composta por Maria Augusta Doetzer Rosot. Ambas as obras possuem ligação com o Grupo de Mulheres Maria Izabel Radomski.

Motivações das canções

Em “Oração ao tempo” – cuja letra é transcrita abaixo – o compositor aufere uma qualidade de pessoa ao conceito de tempo, reconhecendo sua beleza intrínseca (“... És um senhor tão bonito... És um dos deuses mais lindos...”), mas, também, seu poder sobre a vida humana (“... Compositor de destinos...”). Praticamente em todos os versos se percebe o desejo do autor de frear o tempo, para que ele não passe, ou passe mais devagar (“...Vou te fazer um pedido, tempo, tempo, tempo, tempo, tempo...”). Em seguida, procura fazer do tempo seu aliado (“... Entro num acordo contigo... O que usaremos para isso fica guardado em sigilo apenas contigo e migo...”). Por fim, conclui que haverá um momento em que o tempo – e o próprio indivíduo – deixarão de ter importância e parecerá, até, nem haver existido (provavelmente na morte, com o fim da existência), como se vê em “... E quando eu tiver saído para fora do teu círculo, tempo, tempo, tempo, tempo, não serei nem terás sido...”.

Essa canção foi escolhida pelas artistas – todas participantes do Grupo de Mulheres – como a representação de um dos sentimentos mais frequentes na vida da mulher que atua profissionalmente, que é a percepção da falta de tempo e da velocidade assustadora do tempo. A dupla ou tripla jornada de trabalho desempenhada pelas mulheres e seus papéis, enquanto profissionais, mães, filhas, esposas, cuidadoras, responsáveis pela manutenção financeira e emocional de seus lares, lhes demandam um tempo do qual, muitas vezes, não dispõem, fazendo com que tenham de priorizar determinadas ações, o que lhes custa muito, não importa a direção em que as decisões sejam tomadas.

Por outro lado, a canção também expressa o desejo de poder ter o tempo a seu favor e, de certa forma, de saber usá-lo sabiamente (“... Peço-te o prazer legítimo e o movimento preciso... quando o tempo for propício... De modo que o meu espírito ganhe um brilho definido... e eu espalhe benefícios...”). Nesse sentido, a capacidade de poder organizar seu tempo e, por consequência, gerenciar melhor sua vida, em todos os níveis, é um desejo e uma aspiração legítima das mulheres, aqui representadas pelo Grupo de Mulheres da Embrapa Florestas.

Oração ao tempo

(Composição: Caetano Veloso

*Arranjo: Maria Augusta Doetzer Rosot, Manuela Bergamin de Oliveira e
Paula Schultz Bittencourt Pucci)*

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo



A canção “Rock da Bel”, no entanto, evoca uma ligação afetiva profunda com a colega Maria Izabel Radomski, pesquisadora da Embrapa Florestas, falecida em 2019, aos 52 anos de idade e que dá nome ao Grupo de Mulheres. Além de sua trajetória profissional brilhante, engajada nos temas da agricultura familiar e nos sistemas de produção agroflorestais, Maria Izabel – ou, simplesmente, Bel como era conhecida – era a personificação da energia, da força de realização, da capacidade de integração e de um magnetismo e de um carisma ímpares.

Em pouco tempo transformava colegas em amigos e aglutinava pessoas em torno de uma causa comum, frequentemente ligada a aspectos de justiça social, de direitos das mulheres, da busca pela sustentabilidade ambiental e da possibilidade da oferta de melhores condições de vida ao pequeno agricultor. Para tanto se valia do método científico, das tecnologias e de toda a experiência adquirida durante a vida acadêmica – foi bolsista e estagiária na Embrapa Florestas desde 1997 – e profissional (a partir de 2008 passou a atuar como pesquisadora na Embrapa Florestas), aliada à sua vivência de pesquisa nas propriedades rurais de agricultores parceiros.

A autora da canção – a pesquisadora Maria Augusta Doetzer Rosot – teve o privilégio de conviver com Maria Izabel (Figura 7.1) desde a sua entrada na Embrapa, em 2001. Áreas comuns ou complementares de pesquisa e outras afinidades de natureza cultural e pessoal fizeram com que ambas trabalhassem juntas em vários projetos e, ao mesmo tempo, desenvolveram uma amizade duradoura ao longo de quase 20 anos de convívio.

O ritmo de rock de certa forma evidencia o caráter irreverente e, por vezes, rebelde da Maria Izabel, mas a letra da canção é pungente na medida em que revela o sofrimento pela perda da amiga e a saudade de sua partida (“Assim que ela partiu, a gente só chorou...”), em parte mitigada pelo grande legado deixado por ela (“... Depois é que se viu o quanto

ela deixou...”). Exalta-se, também, sua profunda ligação com a natureza (“... Por campos e florestas ela caminhou...”) e sua capacidade de convencimento e agregação em torno de uma causa comum (“... E tudo o que falava era qual semente que ela, então, plantava bem dentro da gente...”).



Figura 7.1. Maria Izabel Radomski (in memoriam), pesquisadora da Embrapa Florestas (A, B e C), em companhia de colegas de trabalho (C).

Em termos mais pessoais, é lembrado o gosto da Maria Izabel pela música (“... Me lembro que gostava de cantar canções...”), a data de seu aniversário em 23 de abril (“... Outono em seu olhar, nasceu num mês de abril...”) e sua resiliência ao enfrentar por longos anos uma insuficiência renal, tendo inclusive sido submetida a um transplante (“... Mulher de força e fé, coragem e coração...”). Sua morte – em que pese a dor sentida por seus amigos e familiares – lhe confere uma inusitada libertação em relação ao sofrimento terreno, quer seja de causas físicas ou emocionais (“... É livre, pois seus pés não tocam mais o chão...”). E, finalmente, para aqueles que não a conheceram, a autora da canção confirma sua admiração por essa mulher forte, bela e marcante e revela o vazio deixado por sua partida (“...Se querem saber dela, só digo que era bela ...e nos deixou ao léu”).

Rock da Bel

Assim que ela partiu
A gente só chorou
Depois é que se viu
O quanto ela deixou
Por campos e florestas
Ela caminhou
A sombra ainda resta
Do que ela plantou

Me lembro que gostava
De cantar canções
Na noite enluarada
De tantos verões
Só quero recordar
As vezes que sorriu
Outono em seu olhar
Nasceu num mês de abril

E tudo o que falava
Era qual semente
Que ela então plantava
Bem dentro da gente
Mulher de força e fé
Coragem e coração
É livre pois seus pés
Não tocam mais o chão

Se querem saber dela
Só digo que era bela
E tinha os olhos cor de céu
As vezes, doce como o mel
Seu nome era Maria Izabel
E nos deixou ao léu

Composição e Arranjo Maria Augusta Doetzer Rosot



Embrapa



CGPE 19392